

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO IV

Rio de Janeiro, 10 de Novembro de 1916

Nº 38

Grupo mantenedor: Brazilio Taborda, Maciel da Costa, Parga Rodrigues,  
(redactores); B. Klinger, Lima e Silva, Pompeu Cavalcanti,  
Leitão de Carvalho, Souza Reis, Euclydes Figueiredo, J. Franco Ferreira, Luiz  
Lobo, Freire Jucá, Mario Travassos, Amaro Villa Nova.

## SUMMARIO

### EDITORIAL

Prophylaxia necessaria

### PARTE JORNALISTICA

Exames de companhia.....	1º Tte E. Leitão de Carv?
Notas sobre a iniciação tactica do atirador .....	2º Tte Mario Travassos
Observações pequenas.....	1º Tte João Marcellino
Aviação militar no Brazil.....	Tte Villela Junior
Arma de engenharia .....	2º Tte Arthur J. Pamphiro
Um anno de instrucção na arma de engenharia.....	
Exercícios tacticos.....	2º Tte Ary Pires
A doutrina e os processos de exercicio.....	1º Tte B. Klinger
Exercícios de quadro a cavallo...	
A instrucção na companhia.....	2º Tte F. Paula Cidade
Topographia militar.....	Capitão Parga Rodrigues
	1º Tte J. Freire Jucá
	1º Tte B. Klinger

### NOTICIARIO

Subscrição em favor das victimas do "Contestado"  
— Liga da Defesa Nacional — Expediente.

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BRAZILIO TABORDA, MACIEL DA COSTA e PARGA RODRIGUES

N.º 38

Rio de Janeiro, 10 de Novembro de 1916

Anno IV

## EDITORIAL

Prophylaxia necessaria  
"Minha Terra e Minha Gente"  
— Afranio Peixoto.

**E**M o nosso numero de maio proximo passado combatemos algumas asserções contidas no livro *Minha Terra e Minha Gente*, do Snr. Dr. Afranio Peixoto, asserções que reputámos nocivas á campanha de civismo que ora preocupa o pensamento e a acção daquelles que como nós ainda não perderam a esperança de ver surgir no Brazil uma organisação social digna de ser chamada **nação**.

E o que somos ainda não merece este nome.

Somos um agglomerado de gente sem orientação definida, sem unidade, sem cohesão, movido ao sabor dos interesses de um pequeno numero, em detrimento do bem estar material e moral da imensa maioria. No meio deste cahos em que temos vivido desde a independencia, poucos e ephemeros lampejos de uma sã politica teem illuminado os horizontes patrios.

O Estado é um organismo, e como tal só pôde estar em equilibrio mediante um funcionamento harmonico de seus órgãos, sem atrophias e sem hypertrophias.

Do bom funcionamento e do trabalho intensivo desses órgãos depende o progresso da nação, quer sob o ponto de

vista material e moral quer sob o ponto de vista político.

Assim, o funcionalismo publico e as forças armadas, como todos os outros órgãos indispensaveis do Estado, são elementos productivos que não podem ser desprezados, sob pena de enjambramento da machina social, e por isto mesmo não podem, em these, ser acoimados de parasitarios.

E porque nos pareceu que o Snr. Dr. Afranio Peixoto se havia collocado no papel de demolidor do Estado tal como o concebemos, prégando a inutilidade de órgãos que reputámos indispensaveis, foi que nos sentimos no dever de dar combate a essa idéa, profligando a acção anarchicadora e dissolvente que o seu livro ia exercer no espirito da infancia brasileira.

Hoje que uma segunda edição, isempta dos principaes trechos que motivaram a nossa interpretação, circula em todos os recantos do Brazil, e em face das sinceras e patrioticas palavras dirigidas pelo autor ao nosso companheiro Bertholdo Klinger, nos sentimos no grato dever de declarar que modificamos inteiramente o juizo que a principio formulámos sobre a orientação que presidio á organisação desse livro.

E' com immensa alegria que vemos o illustrado patrício surgir aos nossos olhos como um valoroso companheiro na lucta que emprehendemos em prol do engrandecimento nacional, através da organisação da **nação armada** no Brazil, unico meio capaz de despertar o civismo e a unidade de idéal patriotico, e de crear a força

necessaria á manutenção da integridade territorial e política deste immenso e desamado paiz.

O ponto de vista em que o Snr. Dr. Afranio Peixoto ora se nos apresenta é o mesmo em que de ha longos annos nos mantemos com inquebrantavel firmeza e com arraigada convicção. Como principio, será absurdo dizer-se que as classes armadas, como o funcionalismo publico, sejam classes parasitarias, mas especialisando a referencia, e se as considerando como entre nós teem funcionado, será ainda mais absurdo se lhes negar esse qualificativo.

Um funcionalismo publico duplo ou triplo do necessário para os serviços do Estado, hipertrophiado pela politicagem que paga os seus eleitores á custa da collectividade explorada, não merece outra adjectivação.

Um exercito que não se habilita para a defesa da nação, que tem uma burocacia desmedida e uma tropa minguada e desprovida de officiaes, e que é formada por voluntarios que se alistam na falta de outro meio de vida, é mais do que parasitario—é perigoso—porque, além dos gastos inuteis, proporciona á nação inteira a falsa e trahidora a convicção de que está sufficientemente defendida.

Seria superfluo repetirmos aqui o que a respeito vimos dizendo desde o nosso primeiro numero, mas como uma demonstração da perfeita coincidencia entre o nosso ponto de vista e o do Snr. Dr. Afranio Peixoto, para aqui transcrevemos, com a devida venia, a carta a que atraz nos referimos e as copias de duas outras por S. Ex. dirigidas aos Srs. commandante F. A. e tenente R. M. B.:

Rio, 2 de Outubro 1916 — Exmo. Snr. 1º Tenente B. Klinger.

Só hontem, em conversa com o meu amigo Dr. Miguel Calmon, soube que V. Excia. havia escrito na «Defeza Nacional» artigo allusivo a meu livrinho «Minha terra e minha gente»; só hoje, ainda graças áquelle amigo, consegui lê-lo. Cofesso isso a V. Excia. apenas para me fazer desculpar de tanto tempo parecer ingrato ou indiferente a essa generosidade, aliás justiça, feita

às minhas intenções. Por isso mesmo, porque parece-me, o ponto de vista de V. Excia. se avizinha do meu, venho trazer-lhe provas anteriores dessa coincidencia de sentir e julgar. Junto encontrará V. Excia. copia de duas cartas, ainda sobre aquele assumpto, e que esclarecem o meu modo de pensar. Não pude, em livro condensado, ser explicito: como V. Excia. me comprehendeu, mau grado dessa concisão, corre-me o dever, com os meus agradecimentos, trazer-lhe os meus aplausos, por esse acerto. Dizem os scepticos que quando a gente erra nos juizos, é por fazê-lhos bons: V. Excia. não errou, apezar da regra.

Creia-me V. Excia. seu patrício e menor cr.º, muito obrigado -- *Afranio Peixoto.*

— Rio, 24 de julho 1916 — Meu caro F.

Recebi sua carta e li hoje no «Imparcial» o seu formoso artigo, onde V. juntou tanta generosidade a meu respeito, como receiose me melindrasse a critica a um trecho do meu livrinho.

Mas V. tem toda a razão, como eu! Quando falei dos militares, falei dos funcionários públicos, classe voraz a que pertenço, para mostrar não nos eximímos á culpa geral. Devia ter dito, para melhor exprimir meu pensamento: - as classes parasitarias voracissimas -funcionalismo publico civil e militar -etc. Porque ahi está a minha accusação ás nossas classes armadas. Ellas são burocraticas, como as outras. Marinheiros que não viajam, artilheiros que não dão tiros, soldados que não manobram, officiaes que não vivem na caserna ou nos deveres e exercícios do seu officio — são burocratas. Creio que todo o elemento novo e pensante, e sâo, e patriota, e pondonoroso, das classes armadas do Brazil, estará connosco. Não sou pacifista (quem o poderia ser diante do que estam's vendos?) *sou pela defeza nacional, que é feita pelas armas...* Mas... será preciso primeiro militarizar o exercito e a armada ... Enquanto não o fizermos — e não o fazemos — a burocacia militar será comparável á burocacia civil, e terá falhado ao seu destino ...

Ahi tem V. meu pensamento. Como fui mal comprehendido, resolvi pelo melhor: não figura na 2.ª edição a allusão irritante. No Brazil as verdades não se dizem.

A V., porem, que tem uma nobre e patriótica dedicação á sua profissão militar eu o devo dizer, como o tenho dito a alguns dos mais notaveis *jeunes-Brasil* do exercito e da armada, que todos concordam commigo: é preciso, pará serem irreprehensíveis, militarizarmos exercito e armada.

Até lá não produzirão nada e serão como os outros: Como chamar aos que não produzem e só consomem?

Meu F., muito e muito obrigado por seu artigo, por toda a bondade que V., a mãos cheias, semeou naquellas paginas. — Seu etc. A. P.

Rio, 30 de setembro 1916.—Exmo. Snr. 2º Tenente R. M. B.

Releve-me V. Excia. a demora de resposta á carta com que me honrou: muito que fazer e pouco tempo, ainda para os mais gratos deveres. Não recolhi a 1.ª edição do meu livrinho «Minha terra e minha gente»: ella se esgotou, permitindo a 2.ª. Como houvesse equivoco sobre minha intenção, aqui e ali, emendei e suprimi: sae por isso correcta e diminuida. Fui mal compre-

hendido quanto á expressão «parasitarias», com que me referi ao funcionalismo publico (ao qual pertenço) e ás classes armadas.

Parasitaria é a classe que não produz "riqueza apreciavel" e consome apenas a riqueza por outras produzida: é noção trivial de economia politica. Mas, para mim, uma classe parasitaria ainda significa "desviada do que deve fazer ou produzir". Toda a parte nova e sá do nosso exercito e armada, estou certo que ha de convir commigo que a má politica e a má administração teem desviado as nossas classes armadas do que deviam ser, isto é, **necessarios e sagrados elementos de defesa e segurança nacional**, para uma burocracia fardada, sem manobras, sem exercícios, sem quadros regulares, sem serviço obrigatorio, sem communhão com o paiz num voluntariado ou numa conscripção militar de todas as classes de brazileiros, sem possibilidade em fim de cumprirem com o seu dever, quando a isso forem chamados. E' ou não desvio? Tenho ou não tenho razão?

Creio traduzir a aspiração dos moços patriotas que formam a *élite* das nossas classes armadas, dizendo que o meu voto é o delles: é **preciso militarizar o nosso exercito, e a nossa marinha!** Isto escrevi ao Sr. Commandante F. A. que bondosamente me chamou a contas, e o digo a V. Excia., que o faz ainda tão amavelmente, aplaudindo a supressão que fiz, na 2<sup>a</sup> edição, do malsinado qualificativo. Elle de facto offendia aos bons e aos sãos, que não teem culpa da má direcção que levaram as nossas coisas: quiz corrigir um erro e não insultar ao bem.

Quanto á minha intenção é esta, e digo-a com hombridade: ninguem mais do que eu deseja o prestígio das classes armadas do Brazil, mas do exercito e da marinha **efficientes**, aos quaes a Nação dê os meios de cumprirem o seu glorioso e santo dever. Agrada-me accusar que tenho a V. Excia. e a todos os seus jovens compaheiros por solidarios nessa grande causa. Creia-me V. Ex. menor criado e patrício.—A. P.

Com este nobre gesto, digno de um espirito esclarecido, fica patente a unidade de ponto de vista entre o modo de pensar do Snr. Dr. Afranio Peixoto e a orientação seguida pela "A Defeza Nacional" em sua ardua campanha contra os males que determinam a deficiencia das classes armadas para o cumprimento da sagrada missão que lhes cabe.

O Brazil precisa que se faça sentir, por parte da direcção politica, uma acção energica, sem solução de continuidade, e inspirada no amor da Patria, calcando os interesses da politicagem voraz e collimando o bem estar e a felicidade da nação.

Se os remedios caseiros não nos puderem curar da infecção que transformou o funcionalismo publico e as classes ar-

madas em orgãos parasitarios, então que se tenha a coragem patriotica de reconhecer essa impotencia e que, a exemplo de outras nações mais bem avisadas, que hoje marcham a largos passos rumo do progresso, se contratem missões extrangeiras para nos illuminarem o caminho e para fazerem nessas classes a **prophylaxia necessaria**.

## Exames de companhia

Realizaram-se, na segunda quinzena de setembro ultimo, os exames de companhia dos corpos desta guarnição, dos quaes tivemos ensejo de assistir ás provas do 52º Batalhão de Caçadores.

O exame da *ordem unida* effectuou-se na Quinta da Boa Vista, com um brilho excepcional, exhibindo as companhias uma instrucção de conjunto muito cuidada, o que demonstrava o grande esforço empregado pelos officiaes para imprimirem homogeneidade áquella massa de homens, incluidos em datas diferentes, alguns dos quaes ainda recrutavam.

A perfeita simultaneidade dos movimentos, o conhecimento seguro que os homens revelaram possuir de seus logares nas formações, a rigorosa execução das evoluções, foram um attestado do quanto pôde o trabalho dos officiaes, quando praticado com verdadeiro interesse profissional.

Todas as tres companhias, pôde-se dizer, sahiram-se bem; é, porém, de justiça salientar duas dellas, que sobresahiram por qualidades diversas, reflexo, talvez, da personalidade de seus commandantes.

Uma distinguiu-se pela energia e rapidez dos movimentos, quasi todos executados em passo acelerado, rigorosamente dentro da cadencia regulamentar. Companhia nervosa, trenada para emprehendimentos audaciosos, absolutamente na mão de seu chefe que, num simulacro de ataque de cavallaria, considerou mortos officiaes e sargentos, e teve a satisfação de ver que seus homens não se detiveram, nem sacrificaram a efficiencia de suas armas, mas, ao contrario, executaram todas as medidas commandadas por um cabo cheio de iniciativa, a quem obedeceram sem vacilação.

Isso testemunha, irrefutavelmente, o interesse com que foi ministrada a instrucção.

Talvez se pudesse notar nessa companhia alguma cousa de *excessivo* nos movimentos acelerados... Ela estava, porém, perfeitamente trenada para isso, e completamente identificada com a exhuberante vitalidade de seu chefe.

A outra companhia salientou-se, antes que tudo, por uma qualidade muito rara entre nós: a rigorosa (iamos escrevendo *prussiana*) firmeza dos homens na formatura; depois, pela calma e segurança com que executou as evoluções e o manejo d'armas, especialmente o de fogo.

Como exemplo dessa firmeza, calma e segurança na execução dos movimentos, citaremos o momento de emoção com que nos surprehendeu

o commandante da companhia, mandando *apontar!*, apôs uma descarga, e, em vez de dar a voz de *fogo!*, dando a de *retirar arma!*. Toda a companhia, de dedo no gatilho, obedeceu á voz de seu chefe, sem ter havido um unico disparo involuntario. Confessamos que não esperavamos encontrar já na nossa infantaria tão elevado grão de disciplina. Isso prova que somos capazes de igualar os melhores exercitos no preparo para a guerra, ficando o exito dependente apenas dos nossos esforços, e da consciencia e boa vontade com que os empregarmos.

A outra companhia do batalhão, tendo-se apresentado bem, não ofereceu todavia nenhuma particularidade especial.

As provas de ordem unida deixaram-nos uma lisongeira impressão e vieram confirmar a convicção, que sempre tivemos, de que os movimentos e processos prescriptos no R. E. I. não só não contrariam a nossa indole, mas se casam com ella admiravelmente.

Pena é que surgissem ainda algumas raras infrações aos preceitos regulamentares, infrações que, poi não terem importancia nem imprestarem realce algum aos movimentos, poderiam ter sido perfeitamente evitadas; está nesse caso, aquelle *apresentar armas!* em marcha...

Um facto merece, porém, uma franca condenação: o manejo d'armas por tempo no exame de companhia (*em bandoleira arma!*).

Comprehende-se que assim se pratique no exame de recrutas, nas provas individuaes, para mostrar até onde os homens conhecem o mecanismo dos movimentos. Já se não pôde, porém, admittir essa fragmentação do manejo d'armas, articulado por vozes de comando parciaes, no exame de companhia, exame final, — prova definitiva, pois o *ensino de escola* só chega até ahi.

As provas da ordem unida encerraram-se com o desfile das companhias em *columns de estrada*, ao som das canções de marcha.

E' digno de registo o progresso realizado sob esse aspecto pela infantaria desta guarnição: a segurança e desembarço com que os homens (tambem os officiaes) entoavam as canções, faziam lembrar antes velhos habitos militares, do que costumes novos, apenas introduzidos no Exercito.

Os exames de *ordem aberta* tiveram logar nos campos de Santa Cruz, com a assistencia das altas autoridades militares, assumindo assim a importancia que sempre deveriam ter, pois constituem a verificação do preparo da arma para o combate.

Merce francos aplausos a orientação geral adoptada nesta parte do exame, pois é propondo themes tacticos simples e exigindo as medidas que o caso impõe, que se consegue pôr em evidencia não só o grão de instrucção dos homens e dos chefes subordinados, mas tambem a iniciativa e a capacidade de julgamento e de resolução dos commandantes de companhia.

Apresentados varios themes, as autoridades escolheram os que deviam ser resolvidos na occasião.

A' companhia que em primeiro logar foi examinada coube o seguinte:

"O 52º Batalhão de Caçadores está em marcha de Santa Cruz para Itaguahy afim de se reunir á 6ª Brigada. A \*\*\* companhia segue como flanco-guarda esquerda do batalhão, e marcha a 1500 m. deste. Patrulhas de cavallaria destacadas

pela companhia annunciam que se approxima uma força de infantaria inimiga, que parece ser uma patrulha, com o effectivo approximado de um pelotão, marchando a coberto da restinga do Guandú.—Disposição da companhia. Combate defensivo da companhia na hypothese de ser o inimigo superior em numero, até a passagem do batalhão para a outra margem do Guandú."

A companhia não se achava á distancia de 1500 m. do aterrado Santa Cruz - Itaguahy, como estabelecia o thema, tendo por isso que vencer primeiro, em marcha de estrada, essa distancia, para depois tomar as disposições tacticas exigidas pela situação. Seu commandante destacou para o flanco esquerdo, a cerca de 400 m., uma esquadra, que deu uma patrulha para o flanco e uma para a ligação com a companhia. Além disso, destacou mais uma patrulha para a frente da companhia, marchando diante della cerca de 200 metros, outra para a ligação entre a companhia e o batalhão; finalmente uma patrulha de retaguarda.

Julgamos que essa ultima patrulha poderia ter sido perfeitamente supprimida, pois não só não era de temer inimigo daquelle lado, como, marchando os homens na mesma direcção e atraz da companhia, só descortinariam o que esta já houvesse reconhecido. Demais o pequeno effectivo da companhia, —6 esquadras—, impoz uma grande economia de homens na composição das patrulhas, sob pena de sacrificar-se a acção principal da tropa.

Com esse dispositivo marchou a unidade talvez uns 400 m. quando o capitão, tendo já a restinga do Guandú em seu flanco esquerdo, supoz á vista o pelotão-patrulha a que se refere o thema e em consequencia, mudou a frente para a esquerda, mettendo em *linha de columnas* e tomado as providencias para atacar o inimigo. Em quanto isso, comunicava o ocorrido ao batalhão.

Teria sido muito mais *conforme a guerra*, que não houvesse ficado ao arbitrio do capitão o inicio desse momento tactico; bastava que a autoridade que dirigia o exame avizasse o commandante da companhia de que o inimigo estava á vista, ou então que o inimigo figurado agisse de forma a revelar oportunamente sua presença.

Em vez disso, foi o proprio capitão quem escolheu o momento em que o inimigo devia ser considerado em seu flanco, agindo em consequencia. A acção degenerou, assim, num exercicio *puramente theorico*, embora feito com tropa.

O commandante da companhia estendeu em atiradores dois pelotões, que fez avançar por lances até uma dupla trincheira natural existente a pouco mais de 200 m. na sua frente, e conservou o outro pelotão como apoio. A marcha por lances, apesar de não ser reclamada pele situação tactica (não havia fogo do inimigo), foi feita com calma; mas a ocupação da posição, de onde se ia bater o inimigo, não nos parece digna de elogios.

De facto, a dupla trincheira era constituida pelos bordos de uma valla com 3 a 4 metros de largura, 1<sup>m</sup>,50, talvez de profundidade; ambas cobertas de vegetação rasteira, de quasi meio metro de altura.

A fraccão mais avançada da linha de atiradores (esquerda) tomou posição na primeira trincheira, deixando entre seus homens e o inimigo o obstaculo da segunda, que lhes impedia a vista

e o fogo. Só após alguns minutos é que ocorreu ao commandante do pelotão ocupar a segunda trincheira. No entanto a situação tática exigia, nessa occasião, o emprego rápido do fogo.

O pelotão da direita da linha cahio na mesma inadvertencia, mas corrigio-se depois.

Sem nenhuma indicação sobre as modificações acaso ocorridas na situação, o capitão da companhia, guiado pelos dizeres de seu thema, resolveu ficar na defensiva (supoz o inimigo superior em numero), reforçando sua linha com o pelotão do apoio.

Se não fosse o receio de sermos taxados de impertinentes, aconselharmos ao capitão que, para outra vez, occupasse uma posição na linha, deitando com seus homens, em vez de os inspecionar como se se tratasse de um simples exercicio.

Prolongando-se a situação, o commandante do batalhão interveio, informando ao chefe da companhia que—o inimigo estava em retirada. O capitão deu por terminada a acção, metteu a companhia em ordem unida e retirou.

Não teria sido mais natural, e estrictamente conforme a guerra, que a companhia ao saber que o inimigo retirava, abandonasse a trincheira para perseguí-lo com um fogo vivo, enquanto permitisse o alcance de suas armas? Depois, cessado o incidente que a deteve, não devia a companhia proseguir na sua marcha de flanco-guarda, até que a autoridade—juiz no caso—désse por findo o exame?

E' claro que não nos devemos preocupar com o que se passou no Batalhão, pois elle só figura no thema para dar logar á acção da companhia; mas, em todo caso, o tempo durante o qual a companhia esteve empenhadá na luta, cerca de uma hora, foi suficiente para permitir que o mesmo passasse para a outra margem do Guandú.

A companhia submettida a exame em segundo logar recebeu o seguinte thema:

«Inimigo de infantaria e artilharia desenvolvido para a defesa a 4.000 m. A 3<sup>a</sup> Divisão ataca, estando a 6<sup>a</sup> Brigada na ala direita. O 52.<sup>o</sup> Batalhão de Caçadores está na extrema ala direita da brigada e se desdobra para o ataque, tendo duas companhias em 1<sup>a</sup> linha e duas outras em reserva no flanco direito. A \*\*\* companhia está em 1<sup>a</sup> linha na extrema direita, toma a formação para avançar depois do desdobramento, recebe fogo de artilharia pela frente.—Desenvolvimento da companhia para o ataque, reforçamento da linha. Assalto».

Em sua posição inicial a companhia estava em *linha de columnas*. Seu commandante, para começar a desenvolver o thema, considerou-se desde logo sob a acção do fogo da artilharia, que pelo thema, estava a 4.000 m.

Afim de fugir á efficacia desse fogo, fez aumentar os intervallos entre os pelotões até atingir cerca de oitenta metros, e passou a avançar por lances, em acelerado, deitando os pelotões no fim de cada lance.

Os commandantes dos pelotões, por sua vez, evitavam ficar com suas unidades na mesma linha.

Ainda aqui se fez sentir a ausencia de uma intervenção que substituisse as indicações do facto real; foi o capitão quem supoz, por sua livre deliberação, ter cessado o fogo da artilharia inimiga e começado o ataque da divisão.

Teria sido muito mais proveitoso á verifica-

ção do preparo da companhia, que se informasse o capitão de que a distancia a que elle estava da infantaria inimiga não era mais de 4 km, e sim de mil e duzentos a mil e quinhentos metros. Na falta dessa intervenção opportuna, o commandante da companhia admittio achar-se á distancia para iniciar o combate, e desenvolveu em atiradores. Foi prematura a providencia, e exagerada a distancia, mas o capitão considerou-se a 1.500 metros...

A companhia desenvolveu, desde o começo da acção, um pelotão e mais em atiradores, cobrindo com elles uma frente de combate approximadamente de 120 m. Como apoio o imediato da linha, ficou uma secção, e como apoio da companhia, á *retaguarda do centro* o ultimo pelotão.

Estando a companhia na extrema direita da ala da divisão, talvez tivesse convindo collocar de preferencia o apoio á *retaguarda* da ala direita, apezar de se acharem escalonadas para o mesmo flanco as outras duas companhias do batalhão.

Outra observação que nos ocorre fazer é a ausencia de patrulha de combate no flanco exposto da companhia. O esclarecimento por patrulhas não cessa com o combate, antes se prolonga durante elle.

A missão na companhia teria sido muito simplificada, desenrolando-se a acção mais naturalmente, se a unidade da esquerda, no caso a base do movimento, estivesse representada, p. ex., por uma bandeirola azul. Essa falta fez com que a companhia, uma vez desenvolvida, oscillasse para um lado e para outro, seus pelotões se estendessem demasiadamente, ocupando uma frente exagerada. Mas, ainda mais veio dificultar a realização do ataque, a conducta do inimigo figurado, quasi imperceptível e, alem disso, só agindo tardiamente.

Ainda aqui, a intervenção opportuna da autoridade teria evitado todos esses tropeços; não ha mesmo outro meio de substituir as indicações peculiares á luta, e que faltam nas acções simuladas.

Desenvolvida desde uma distancia exageradamente grande, tanto hypotheticamente como de facto, os pelotões começaram a conquista do terreno por lances, até alcançarem uma posição a cerca de 600 m. do inimigo.

Essa marcha penosa, num caso real só teria sido iniciada quando o inimigo rompesse o fogo, e fosse de temer sua efficacia; antes disso, seria preferivel avançar em linha tenue, ao passo sem cadencia, até que a conducta do inimigo obrigasse a tomar posição.

Quando a companhia attingiu a posição a 600 m. do inimigo, fixou-se no terreno por algum tempo, pediu reforços e munição, recebendo ahi os ultimos elementos do apoio.

O capitão, para não prolongar mais a acção, considerou atingida a distância de assalto e, á frente da linha, marchou á luta corpo a corpo, dando por terminado o exame.

A ultima companhia submettida ás provas da *ordem aberta* recebeu o seguinte thema:

«Inimigo de infantaria e artilharia desenvolvido para a defesa a 1.500 m. A 3<sup>a</sup> Divisão ataca, estando a 6<sup>a</sup> Brigada na ala direita. O 52.<sup>o</sup> Batalhão de Caçadores na extrema direita da brigada tem 3 companhias em 1<sup>a</sup> linha. A \*\*\* companhia está como reserva no flanco direito. Ataque



de cavallaria nesse flanco. Repellida a cavallaria nesse flanco, a companhia segue a primeira linha como reserva e toma parte no assalto em ordem unida, segue em perseguição do inimigo. Disposição da companhia para o caso de retorno offensivo do inimigo.

Para o inicio da acção, a companhia achava-se em *linha de columnas*, os pelotões afastados e escalonados á direita. O commandante enviou uma patrulha para a direita, a deitou a companhia.

Pareceu-nos que o ataque de cavallaria esperado pelo flanco direito preoccupou o capitão mais do que devia, pois a companhia, em vez de se pôr em marcha e repellir o inimigo quando elle surgisse, permaneceu deitada, á sua espera. Além disso, a carga, simulada por alguns officiaes montados, dirigida sobre o flanco direito da companhia foi *repellida de frente*, o que prova ter havid o *antecipadamente* a mudança de frente da unidade. No entanto, isso não era preciso: a companhia podia ter ficado em marcha, só se voltando para o flanco ao apparecimento da cavallaria, afim de repellir-a pelo fogo. Isso era tanto mais facil, quanto o terreno, muito plano e sem accidentes, permettia descobrir o inimigo desde grande distancia.

Apezar do aspecto artificial de que se revestio este episodio, a repulsa pelo fogo foi bem feita, levantando e atirando os pelotões com rapidez e calma.

Retirada a cavallaria, a companhia fez-se em marcha, como reserva do flanco direito do batalhão.

Os pelotões avançavam em ordem unida, escalonadas á direita, percorrendo em *marche-marche* grandes lances, no fim dos quaes deitavam. Pareceu-nos boa essa marcha, pois, em terreno plano e descoberto e ás vistas da artilharia inimiga, que nessas occasões não poupa as reservas, os pelotões para se approximarem da linha de combate, deviam não offerecer grandes alvos.

Ainda aqui se fez sentir a falta de indicações que esclarecessem o commandante da companhia quanto á situação. Por isso, o capitão reuniu em marcha a companhia em linha, *suppos o inimigo ao alcance* e deu o assalto. Foi um movimento puramente formalistico, embora realizado em ordem e com impeto.

O assalto foi interrompido pela voz de *alto!*, rompendo a companhia o fogo de perseguição, o que fazia crer que o inimigo havia retirado.

Não só pela situação tactica, como pelos proprios dizeres do thema, devia ella ter emprehendido depois a *marcha de perseguição*.

De facto, quando o inimigo não offerece mais alvos compensadores, quer pela distancia a que já se acha, quer pela protecção que lhe offereçam os accidentes do terreno, é preciso marchar rapidamente ao seu encalço, de forma a batel-o pelo fogo até seu anniquilamento.

Cessada a perseguição pelo fogo, a companhia dispõe-se para resistir a um retorno offensivo, estendendo dois pelotões em atiradores e deixando um como apoio; deitou em seguida a linha de atiradores, fez dois ou tres lances, e o capitão deu por terminado o exame.

Encerraram-se, assim, os exames de companhia do 52.<sup>º</sup> Batalhão de Caçadores.

As pequenas faltas que acima apontamos animados apenas do desejo de concorrer para o aperfeiçoamento da brilhante unidade, em nada

desmerecem a excellente orientação seguida por seus officiaes, que demonstraram ter assimilado por completo a doutrina tactica do R. E. I., praticando-a com sincera vontade de acertar.

Nossos parabens aos prezados camaradas.

E. Leitão de Carvalho

## Notas sobre a iniciação tactica do atirador

### I

1 — A efficiencia do infante repousa sobre as suas energias moraes. Estas nascem no dominio tranquillo do bom atirador sobre si mesmo. Ellas são geradas pela convicção da efficacia do proprio tiro.

2 — Amoldar feixes a resoluções topographicas, razar terrenos é quanto exige o commando do fogo. Por mais habil e experimentado que este seja, nada logrará sem atiradores *taticos*. O exito do fogo assenta, em grande parte, sobre a capacidade tactica de cada atirador.

3 — A questão maxima de quem educa o infante é crear o atirador de *combate*. Este se constroe por meio de *habitos contrahidos* e que constituem o *senso tactico* do soldado de infantaria. Fazê-lo agir por acções reflexas é o fim da instrucção. Armazenar-lhe no subconsiente os meios a serem empregados é o trabalho do instrutor.

4 — Como base ao preparo do atirador de combate imprescinde-lhe o ensino da teoria do tiro, cujos rudimentos devem ser ministrados logo após os da nomenclatura do fuzil. Os methodos empregados são preferidos entre os mais *simples*. As sessões de instrucção devem ser absolutamente *práticas*. As allusões á balistica, como ao seu sentido algebrico, são *proscriptas* inteiramente.

5 — Na quinta semana da incorporação pôde ser inaugurado o *tiro preparatorio*. Já os recrutas sabem ajoelhar e deitar. Tambem, já carregam e apontam nessas posições e na de pé. E', justamente, o tempo de se minuciar sobre os detalhes do accionamento do tiro.

Empunhar o fusil, leval-o á cara, não o torcer, agir sobre o gatilho, prender a respiração, tomar massa, não temer o estampido, não fechar os olhos ao disparar — eis o summario da parte mais importante da instrucção do atirador.

6 — A pratica autoriza esse conceito. São graves os prejuizos causados aos homens insufficientemente preparados duran-

te esse periodo. Aliás, o R. T. I. recomenda a volta ao tiro preparatorio, temporariamente, dos homens que façam máos tiros. Nesse novo estagio só se insiste sobre o que convenha ao defeito que motiva tal regresso. Ao tiro preparatorio devem ser dispensados os melhores esforços e cuidados.

7 — Nessa segunda etapa da instrucao do tiro os methodos e processos, mais que em qualquer outro caso de adestramento, devem ser applicados com suavidade. E' preciso que elles apresentem um caracter alegre e carinhoso.

O empunhar o fusil e leval-o á cara podem ser feitos nos descansos, á vontade, como gymnastica sem voz de commando. Apenas é necessario que se os faça bem e repetidas vezes.

Quando se utilizam os saccos de areia e as mesas de pontaria na educação das visadas, a critica dos exercicios, *mais que nunca*, deve ser moderada. Uma benevolencia tolerancia deve ser adoptada para não lançar o desanimo.

Para as tomadas de massa precisa engenho e paciencia. O mesmo para a "arma torcida". Desenha se a justaposição da massa ao entalhe da alça para cada caso. A' custa de muito esquadriñhar os desenhos, ouvir explicações e corrigir pontarias, viciadas, uns dos outros, (sempre com o controle do instructor) os recrutas se adeantam facilmente.

Para a acção sobre o gatilho e a respiração suspensa não ha como o "Sub-Target". Esse optimo apparelho é então o melhor mestre. E tem uma preciosa vantagem: fornece individualmente aos homens um alvo — miniatura de cada exercicio. E' de vel-os guardar essas provas authenticas como a retratos queridos e cotejar os progressos diariamente!

Os sustos com a detonação e o fechar os olhos na occasião do disparo são as faltas mais difficeis de corrigenda. Aponta-se, entretanto, um processo interessante e que apresenta rapidos resultados. Consiste em educar o sangue frio dos homens tirando partido de pôlos á prova perante seus camaradas. O instructor, á vista dos recrutas, toma um cartucho falso, outro de festim e mais dois de carga reduzida e de guerra, respectivamente. De costas voltadas para os homens carrega um fusil com o falso e depois de mil recommendações, entrega-o ao proprio dono.

Então é que surge o ensino. O recru-

ta empalidece, suspira e pede para que a prova seja adiada. Faz-se-lhe ver e pezar a *rata* que está dando. Anima-se-o com raciocinios e gestos convincentes. Como que elle se encoraja, leva a arma á cara... mas novamente se detem e supplica dispensa. Recorre se novamente á suggestão. Quando menos se espera apparece o rasgo de audacia (!). O recruta n'um estertor apavorado ouve com a assistencia (os companheiros de turma) o estalar secco e escandaloso do percursor.

Cada homem é experimentado por esse modo. E' indispensavel que se saiba enscenar cada reedição. Depois, passa-se a alternar o cartucho falso com o de festim. Muitos dos já valentes são desclassificados. Os cartuchos de carga reduzida e de guerra ficam, como *tútus*, no bolso do instructor.

Essas sessões devem ter lugar em momentos de descanso. Intelligentemente conduzidas, tornam-se um motivo de diversão. Em breve os recrutas apostam, entre elles e até com o instructor, como são capazes de detonar sem susto nem fechamento de olhos.

8 — Quando os homens têm adquirido regularidade, precisão e rapidez nos ensinos do tiro preparatorio ingressam no stand. Vão fazer o *tiro technico*. Esse é que semeia na contestura do infante e cada dia desenvolve mais a confiança em seu fusil. Elle ensina ainda o rendimento que se pôde tirar do fusil quando se o maneja com maestria. E' o *tiro de instrucção*, propriamente dito, que de posição em posição, sabiamente succedidas, conduz o recruta a atirador de classe. E' enfim o caminho definitivo para o *tiro de combate*.

9 — Quando os recrutas têm entrada no stand, approximadamente na setima semana, chega o momento de se ir dando *côr tactica* aos seus exercicios de ordem aberta.

10 — Durante o tiro preparatorio os recrutas apenas são flexionados na ordem aberta.

Aprendem os diversos modos de estender e a estender partindo de todas as formações. São adestrados em *unir* e *voltar* á ordem unida. Marcham em atiradores augmentando e diminuindo intervallos. Avançam por lances rastejando. Carregam as armas em todas as posições e em movimento. Empregam pontarias com todas as alças, em todas as posições e por traz de abrigos. Abrem todas as naturezas de fogo.

Cessam e *continuam* o fogo. Transmittem ordens na linha.

Em tudo isso elles se exercitam na fila e na esquadra.

11—Antes de levar os homens para os aspectos tacticos é preciso *automatizar* os ensinos do *flexionamento*.

12—Quando se preparar o atirador de combate, as situações que lhe são criadas não devem ser prejudicadas, na execução, com as rectificações do ensino individual—do homem, da fila, da esquadra.

*Mario Travassos.*

## Observações pequenas

**Sobre uniforme**—Revête-se de tom elegante e marcial o novo capote dos officiaes e sua adopção vem pôr mais ainda em evidencia a necessidade do uso do talim por cima do uniforme pois, tendo de se uzar uma cinta para prender o binocolo e o cantil, racional é que esse effeito seja obtido pelo proprio talim, dando mais marcialidade ao official.

A extensão dos botões bronzeados aos uniformes branco e de flanella resultaria economico, sem lhes prejudicar a esthetica.

**Sobre a engenharia**—O 1º B. E. fez sua apparição em publico no corrente anno, sendo notaveis seus exames de companhia.

Concorreram para isto varias causas das quaes citarei: a existencia de subalternos privativos da arma; a orientação dada á instrucção da tropa; o conjunto de officiaes dedicados que se reuniu nesse batalhão e, principalmente, sua *xypophagia* com a Comissão Constructora da Villa Militar.

Effectivamente, nada resultaria das primeiras causas se o almoxarifado da commissão não fornecesse o material e suas officinas não estivessem á disposição para as adaptações.

E a prova disso é que do material com que o batalhão formou a 7 de setembro pouca cousa passou pela Intendencia, e para os referidos exames nada foi por ella fornecido, creio; o que não sahiu da commissão foi obtido pela bôa vontade da oficialidade que, parece-me, até do seu bolso tirou para adquirir elementos.

O Snr. General Setembrino—antigo oficial da arma—não pode conter seu entusiasmo diante do que viu e, chefe do serviço administrativo, certamente já se

orientou para que no proximo anno nem só o 1º batalhão como os demais organizados, sejam fornecidos dos elementos precisos para sua instrucção.

O que se viu nos fundos do quartel só pôde ser feito alli; no campo de batalha faltarão todos os recursos, e sabe o Snr. General que sem elles nada pôde fazer a engenharia.

Basta dizer que a Intendencia da Guerra não tem contracto para seu fornecimento, nem mesmo de arame farpado.

Dos exames se concluiu a habilitação dos quadros e se evidenciou qual o material necessário para sua instrucção; resta que se aproveite essa indicação para fornecê-lo na paz pelos canaes por onde tem de passar na guerra.

**Sobre o voluntariado de manobras**—O voluntariado de manobras vem salientar mais um ponto a ser reformado no reg. de 8 de Maio de 1908.

Nesse caracter só devem ser aceitos os portadores das cadernetas de reservistas recebidas nas sociedades de tiro, etc., onde a instrucção vae até a escola de companhia e sua incorporação deve ser feita apôs os exames de companhia para haver uma continuação na sua instrucção sem perturbação da tropa, nem fadiga inutil para os officiaes.

Feitas as manobras e completada sua instrucção de tiro com alguns exercícios de tiro de combate, será o voluntario um reservista completo, tendo direito á preferencia em todos os empregos publicos e ficando dispensado da incorporação quando sorteado.

Essa dispensa e a preferencia aos empregos publicos serão vantagens bastantes para manter tal sorte de voluntariado e compensadoras do onus do fardamento que deve ser á propria custa como é nas sociedades de tiro, etc.

O actual voluntariado de manobras aceita-se simplesmente como lubrificante para o sorteio devendo desaparecer logo que elle tiver os movimentos desembargados dos attrictos mais fortes.

**Sobre o recrutamento de officiaes**—Está iniciado um bom movimento para uma melhor orientação no recrutamento dos officiaes—a proibição das matriculas gratuitas nos Collegios Militares.

Isto equivale ao seu proximo fechamento e, portanto, á nivellação de todos os candidatos á porta da Escola Militar,

extinguindo-se o privilegio de que gozam os candidatos dessa proveniencia o qual leva ao officialato grande numero de *pacifistas*.

A criação do Collegio Millitar teve sua razão em 1889 quando não havia a reforma compulsoria e um grande periodo de paz tinha feito envelhecer os quadros.

Hoje a compulsoria combinada com a escolha dos candidatos ao officialato entre os mais moços e uma rigorosa selecção na Escola Militar, fará os officiaes moços; para os orphãos dos subalternos a criação do Orphanato Ozorio, sob a direcção do Club Militar—o que equivale dizer que economia rezolverá o problema.

Essa orientação leva-me a chamar a attenção dos Snrs. Senadores para a emenda que surgiu no Senado dando nova epoca de exames a alguns ex-alumnos da Escola Militar.

São favores pessoaes que não devem continuar no Exercito.

Os ex-alumnos em questão foram desligados pela selecção feita pelos exames parciaes, quando tinham seu tempo consagrado sómente ao estudo, por não conseguirem acompanhar sua turma, ou por que foram vadios ou por falta do preparo da generalidade de seus companheiros.

Em qualquer dos casos não servem para officiaes.

Sua volta á Escola irá annular por completo a selecção necessaria, prejudicar os alumnos aproveitaveis e augmentar futuramente os pensionistas pela compulsoria.

E' tempo já de encarar-se a Escola Militar como o cadiño onde se tem de fundir a officialidade do Exercito, recrutando-a entre os melhores elementos e considerando como condicão imprescindivel a vocação para a carreira.

1º Tenente *João Marcellino*.

## A Aviação Militar no Brazil

Condições a que deve satisfazer o apparelho de guerra.

Antes do actual conflicto europeu, quasi nada se podia dizer de positivo sobre a applicação do aeroplano na guerra. Para cada dez partidarios dessa applicação, surgiam cem contrarios, discutindo com argumentos que julgavam esmagadores, porém despídos de qualquer fundamento, como a realidade está demonstrando cabalmente.

Hontem a discussão; hoje o facto. Hontem

jugava-se o *mais peau* do que o ar impraticavel, segundo a famosa lei do quadrado do seno; hoje, elle está em plena pratica, tendo sido a lei modificada por Euler de modo a mostrar perfeita compatibilidade, o que a execução vem confirmado com o vertiginoso progresso operado. A lei de Newton sobre a resistencia do ar tem como fórmula a seguinte:

$R = R_0 \operatorname{sen}^2 i$ ; a fórmula de Euler é  $R = R_0 \operatorname{sen} i$ , que apezar de ser reputada grosseira tem melhor guiado os calculos e é geralmente preferida nos mesmos, existindo outras fórmulas de varios experimentadores.

Deixemos emfim este ligeiro devaneio, e temos da applicação do aeroplano na guerra, apreciando suas aptidões, segundo os diferentes serviços que lhes são confiados.

Segundo a classificação geral dos apparelhos em mono-plano, bi-plano, etc., a cada um delles compete uma missão especial de acordo com suas aptidões, umas relativas aos typos, outras inherentes ás fórmulas.

Actualmente só têm sido empregados na guerra o mono e o bi-plano; podemos porém, conter que futuramente se empregará o tri-plano, aproveitando suas boas qualidades de transporte. O mono-plano geralmente é empregado desempenhando os papeis de *explorador*, *mensageiro* e *caçador*. Como mensageiro o mono-plano apresenta as melhores qualidades, como sejam: *Velocidade*, que atinge ás maiores, conseguindo mesmo de 180 a 200 kilometros por hora. *Mobilidade*, desde a sua montagem e transporte, até a execução de suas manobras em pleno oceano aereo. *Invulnerabilidade*, quasi completa acima da linha de 1.600 metros. Assim pôde elle agir livremente e desempenhar ardusas missões nos dois primeiros papeis.

No terceiro papel, de caçador, elle se nos apresenta no caracter de avião de guerra, isto é dotado das melhores qualidades de construção e aperfeiçoamento.

Assim é que traz seu motor regularmente protegido com couraças de aço, e da mesma forma os tanques de benzina e oleo, e as naceles, tendo mais a seu bordo não só barometros, altímetros, bussolas, porta-cartas e outros accessórios, como pequenos canhões, metralhadoras e algumas bombas de varios typos.

Nestas condições está apto para qualquer empreza o nosso avião de caça, restando apenas adaptar-se uma regular installação radio-telegraphica, para ficar apto a toda e qualquer sortida.

Vamos agora observar as aptidões do *bi-plano*. Como caracteriza a propria denominação, trata-se de um apparelho de maior volume, em consequencia de sua fórmula, mesmo que tenha um poder sustentador igual ao deste ou daquelle mono-plano. Nestas condições resalta logo á primeira vista a sua menor velocidade, se bem que a tendência moderna seja para augmental-a, como já se está procedendo na Europa na actual guerra, pois consta-nos estar um dos ultimos typos de *Farmant* tirando 120 kilometros por hora. Mas, se por um lado temos velocidade, por outro temos maior estabilidade e facilidade para se obterem grandes superficies sustentadoras, graças ao dispositivo de sua fórmula, que constitue a maior base com que pôde contar o engenho do constructor.

Pelo que fica exposto e evidenciado pelas duas principaes qualidades do bi-plano (Estabilidade e sustentação), claro tambem fica suas apti-

dões na guerra ou para a guerra. Si já temos o *Mensageiro*, o *Explorador* e o *Caçador* o que elle será? qual a sua principal missão? Quasi que todos dirão, o *Bombardeador*, o mensageiro do terror do inimigo, o destruidor de seus estabelecimentos militares, e finalmente o portador da aflição, quando pilotado por um aviador que não possua as qualidades exigidas para o Bombardeador, as quaes muito diferem das exigidas para o caçador. Pela sua estabilidade o Bi-plano permette melhor segurança nas manobras, assim como facilita a distribuição de todo o material bellico e mesmo do pessoal que o tripula, permittindo agir com mais segurança e firmeza aos encarregados de canhões, metralhadoras, ou outra qualquer arma. Pelo seu poder de sustentação, permite conduzir ás vezes de 3 a 10 e mais pessoas, como têm conduzido, e um regular stock de varios explosivos, como sejam as bombas de alto explosivo, e os obuzes, desde o de 90 até o de 220.

Como vimos acima as aptidões deste apparelho na guerra não podiam ser melhor aproveitadas. No entanto, quem dirá que modernamente tudo isto nada representa senão um mero ensaio, em presença das novas descobertas? Tendemos para isto, taes são os novos aperfeiçoamentos.

Como todas as armas têm sua organisação e sua tactica, é justo que a aviação, já considerada nos exercitos modelos como a 5<sup>a</sup> arma, tenha tambem sua organisação e sua tactica.

Sobre esta parte nada existe ainda de definitivo, porém algo existe digno de se apreciar; assim é que a pratica já mostrou a ineficacia dos bombardeios isolados, já pelos perigos que correm os apparelhos quando acossados pelos caçadores inimigos, já pela deficiencia das pontarias, que em certas e determinadas emergencias tornam-se difficis, ora pelo augmento de velocidade, ora pela confusão causada pelo fogo de terra, e ora prejudicadas pela propria variação do meio atmosferico.

Nestas condições surgiu a necessidade do bombardeio em conjunto, afim de augmentar a acção do fogo e com ella a porcentagem e rendimento do mesmo. Mas para isto era preciso esta belecer um criterio compativel com as aptidões de cada apparelho, e ao mesmo tempo com as missões de cada um, sem que nada se perdesse pela falta de organisação.

Surgiu então o grupo aereo com suas sub-divisões em esquadras e esquadrilhas.

(Continua)

1º Tenente Villela Junior.

## ARMA DE ENGENHARIA

### XII

#### Granadas de mão

Estes projectis, empregados nas ultimas guerras, quasi exclusivamente pelos sapadores, encarregados da destruição das defesas accessórias, na occasião do assalto ás posições fortificadas, passaram, no actual conflito, a ser de uso frequente e diario pela infantaria, na guarnição de trincheiras.

A pequena distancia, existente entre os

entrincheiramentos inimigos, que se defrontam, chegando mesmo até dez jardas ou, melhor, nove metros e pequena fracção, segundo relatos de revistas estrangeiras, permite o seu arremesso á mão, de uma para outra linha.

No intuito de vulgarizar o seu conhecimento e attendendo a que, primeiramente entre nós, a exemplo dos demais paizes, elles serão uma dotação á arma de engenharia, damos dos mesmos uma ligeira noticia.

Vamos, succintamente, descrever a granada, usada pela Inglaterra, sistema Marten Hale. Apresenta dous typos, conforme se destina a agir por percussão ou por tempo, variando para cada um não só a a espoleta, como a propria granada.

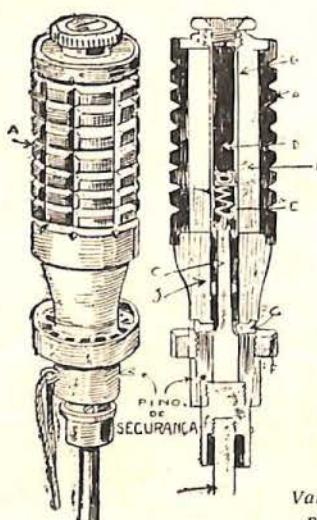
Qualquer um d'elles, porém, poderá ser atirado á mão ou com o auxilio de uma carabina ou uma catapulta, adaptando-se a qualquer typo de fusil.

Para o primeiro caso prende-se á granada uma corda, para facilitar o arremesso; para o segundo á mesma se adiciona uma varêta, que se adapta ao cano do fusil.

Seu alcance maximo é, respectivamente, de 35 a 45 metros ou de 270 a 450 metros, conforme atirada á mão ou com o fusil.

Descrevemos a granada percutente, figura 1.

Consiste em uma camisa de aço dentada A, de forma cylindrica, tendo um tubo



Vareta para adaptação ao fusil.

Fig. 1 — Granada de mão Marten Hale, que pôde ser adaptada a qualquer tipo de carabina.

central B, provido, em sua parte inferior de um percussor C e na superior da carga

detonante ou detonadôr D. Ambos são separados por uma mola em helice E.

Na parte inferior da carga detonante encontra-se a capsula destinada a ser ferida pelo percussôr, e, envolvendo a primeira e a mola vê-se a carga, propriamente de ruptura H, que é de trinitrotoluo.

O corpo de aço, para a parte inferior, engasta-se noutro mais estreito de alumínio J, ao qual se atarracha um tambor F.

Este se acha provido de umas pequenas azas em forma de catavento, que, devido à rotação do projectil e à resistência do ar, o obrigam a desaparafusar-se tanto quanto preciso para, descobrindo as cabeças dos pinos de segurança G, o que só se dará após o percurso de quatorze metros, permitir o recuo dos mesmos e consequente desembaraçamento do percussor.

Este recuo se dará, já pela acção da força centrifuga, já por impulsão recebida pelo percussôr.

Fácil entâo se torna a comprehensão da maneira como funciona o projectil.

Parado instantaneamente, ao chocar qualquer obstáculo, o percussôr, movido pela força viva adquirida, vencerá a resistência da mola E e irá ferir a capsula, seguindo-se logo a detonação das cargas D e H, produzindo-se então o estilhaçamento do projectil, por suas linhas de menor resistência.

Vejamos a granada de tempo, figura 2.

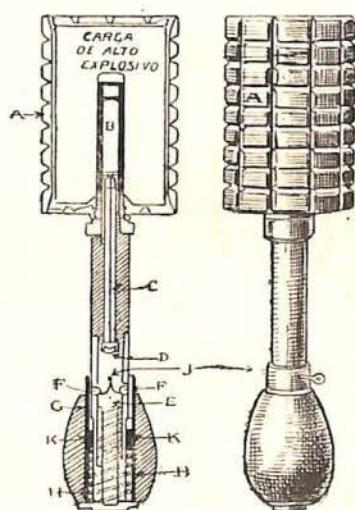


Fig. 2 — Granada Hale, de tempo.

Correspondendo ao eixo longitudinal da camisa cylindrica A, que contém a carga de ruptura, vê-se o detonador B. Este se põe em contacto com o mixto fusivel C

da espoleta de tempo, que toda ella constitue o braço ou cauda da granada. Este mixto termina junto á capsula detonante D.

Na extremidade do braço vê-se o percussôr E, cuja tendência, devida á acção da mola em helice K, que o envolve em parte, é ferir a capsula D.

Este movimento é impedido pela acção dos pinos F de segurança, analogos aos da granada de percussão.

Estes pinos são immobilizados por meio de um tubo externo G que, por sua vez, é mantido em posição, por efeito da mola em helice H. Um pino de segurança J passa através do tubo e o braço, impedindo o funcionamento da espoleta. Só deve ser retirado para o arremesso.

O funcionamento é o seguinte:

Tirado o pino J, o atirador empunha a granada por seu braço e joga-a violentemente para o alvo.

A desigualdade de massa, existente entre o sistema rígido, formado pela granada e o seu braço e o constituído pelo tubo G e contrapeso, formando os dous um sistema variável, fazendo com que a força centrifuga adquirida pelo primeiro seja superior á do segundo, obriga a granada a avançar mais que o tubo, para o que vencerá a resistência da mola H.

Este avanço é calculado de forma a serem descobertos os pinos radiaes F que, por sua vez, são empurrados para fora de seus alojamentos, já pela acção da propria força centrifuga, já pela do percussôr accionado pela mola K.

Este entâo fere a capsula que comunica o fogo ao mixto C.

Finda a sua queima, cuja duração máxima é de cinco segundos, segue-se a detonação da carga B, seguida da de ruptura e consequente arrebentamento da granada.

Por esta descripção se pôde concluir que esses projectis reúnem condições especiais de segurança, podendo ainda ser empregados nas destruições em logar dos petardos.

2º tenente de Engenharia Arthur J. Pamphiro

## Um anno de instrucção na arma de Engenharia

### III

Vou tratar dos nós, assumpto que, sob essa denominação generica, abrange as emendas, as amarrações, os remates e os encurtamentos dos cabos.

Para outra vez, darei um resumo do que ha de mais interessante sobre as *ligações*, fazendo então resaltar a sua importancia e utilidade.

Os *nós* constituem um conhecimento utilissimo ao pontoneiro na execução de trabalhos da sua especialidade, como sejam pontes de circumstancias, passarellas, jangadas, etc. Servem elles tanto para a construcção dos cavalletes e outros apoios fixos e fluctuantes, como para fazer as ligações desses apoios com as longarinas e destas com as pranchas do taboleiro ou estrado.

O seu concurso vae até o serviço do lançamento das pontes de equipagem, onde é indispensavel o emprego das *amarrações* no estabelecimento das ancoragens.

Faz-se notavel essa applicação dos *nós* pela importancia das ancoragens que, como sabemos, asseguram uma relativa estabilidade e fixidez a todo o conjunto, exposto, as mais das vezes, aos inconvenientes devidos á forte velocidade da corrente, aliada á grande largura do curso dagua a transpor.

De todos esses multiplos serviços affectos ao pontoneiro, avulta a exigencia do conhecimento dum certo numero de *nós* e da sua correspondente nomenclatura.

Não basta, apenas, conhecer muito bem semelhante nomenclatura, é imprescindivel uma practica constante em fazel-os com variados cabos, aproximando esses exercicios, tanto quanto possivel, do que se passa realmente em acção. Se tal não acontecer, todo o cabedal theorico adquirido será nullo e prejudicial.

Nullo porque é falho na applicação; prejudicial pela anarchia nascida de infructiferas tentativas em acertar o que nunca se soube fazer ou que nunca se fez.

Tambem é contraproducente sobrecarregar a memoria dos recrutas com uma infinidade de nomes para designar esses trabalhos, exigindo-se-lhes que os tenham na *ponta da lingua*.

O que se precisa é de homens capazes de, desembaraçadamente, emendar, encurtar e rematar os cabos, do mesmo modo que facilmente executem essa ou aquella ligação ou amarração.

A nomenclatura é dada suavemente, procurando o instructor conseguir que os recrutas *liguem os nomes* aos nós pela repetição methodica dos exercicios.

Assim, sem esforço, as denominações

adoptadas lhes ficarão gravadas indelevel e distinctamente, sem perigo de nocivas confusões.

Não querendo alongar mais estas considerações com outros detalhes e devendo restringir o mais possivel a amplitude destas linhas, limito-me a reproduzir aqui os apontamentos que organizei para dar instrucção na companhia de pontoneiros.

**Nós — 1 — Preliminares** — Os *nós* são laçadas mais ou menos engenhosas que se fazem nos cabos com fins variados.

Essa definição um tanto imperfeita permite classificar os *nós* nos seis grupos seguintes :

- a) nós elementares ;
- b) nós de emendar ou simplesmente emendas;
- c) nós de amarrar ou simplesmente amarrações;
- d) nós de encurtar ou simplesmente encurtamentos;
- e) nós de rematar ou simplesmente remates;
- f) nós accessorios.

**2 — E'** preciso definir o que seja *emenda*, *amarração* e *ligação* para evitar a tendencia natural do recruta em confundir estas tres noções.

**Emenda** — E' todo nó que tanto pôde servir para ligar as pontas dum cabo que se tenha partido, como para unir um cabo a outro pelos seus respectivos chicotes, com o fim de lhes aumentar o comprimento.

**Amarração** — E' todo nó que serve para fixar as amarras das balsas, dos pontões, etc., a uma estaca, a uma ancora ou a qualquer outro objecto adequado ao fim que se tem em vista.

**Ligação** — E', de um modo geral, a reunião de duas ou mais peças por meio de amarrilhos.

Fazem-se ligações, pela reuniao de duas ou mais vigas, travessas, pranchas, etc., não só com o fito de lhes aumentar a resistencia ou o comprimento, mas, principalmente, para effectuar a construcção dos apoios e dos outros elementos constitutivos das pontes, jangadas, etc.

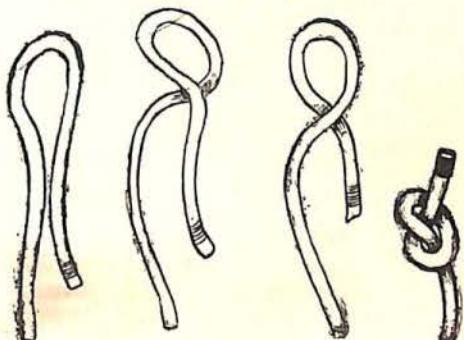
Assim definidas, é facil distinguil-as, bastando para isso considerar que: *emenda* é um nó feito entre dois cabos; *amarração* é a união de um cabo ou amarra com um dado objecto; e, finalmente, *ligação* é a reuniao de peças por meio de cabos de pequena bitola.

3—Em principio, o começo de qualquer nó é uma *alça* ou um *annel*. A *alça* é feita dobrando-se o cabo até encostalo ao seio ou ao firme. (Fig. 1).

O *annel* é feito dobrando-se o cabo até que o chicote se cruze com o seio ou com o firme.

Obtém-se esse cruzamento, ora ficando o chicote por cima, ora por baixo do seio ou do firme, originando-se dahi a distinção de *annel directo* (fig. 2) e *annel inverso* (fig. 3).

4—Para facilitar a aprendizagem dos nós, convencionou-se que o chicote está sempre na mão direita e que o seio ou o firme, na esquerda. Naquelles, porém, que



Figs. 1 a 4

forem dados com os dois chicotes, considera-se o que fica na mão esquerda como pertencendo ao seio ou ao firme.

5—Os nós devem caracterisar-se pelas condições seguintes:

a) apresentarem o maximo de segurança;

b) exigirem o emprego de pouco cabo;  
c) serem faceis de fazer e de desfazer.

Além dessas condições, é preciso saber-se executalos com agilidade e exactidão, sem se hesitar na escolha deste ou daquelle nó, visto que, de antemão, se devem fixar os que melhor correspondam ás differentes especies de serviços.

6—Diz-se que um nó não *arría*, quando não cede; que se *safa*, quando o cabo foge; e que está *socado*, quando é bem apertado.

7—Todos os nós aqui consignados são faceis de desatar ou desfazer, para o que basta apertar a cócha de um dos chicotes, fazendo com que este escorregue sobre o outro; ou, então, introduzir no nó, a golpes de maço, um pedaço de madeira. Quando os nós tiverem de supportar grandes esforços e se precise desfazelos com

presteza, convém introduzir-lhes, préviaamente, uma cavilha de madeira antes de os socar, de modo que, para desatalos baste marretear a cavilha até que salte fóra.

8—*Nós elementares*—Neste grupo apenas consideramos dois nós: *nó singelo* e *nó dobrado*.

*Nó singelo*—Faz-se um *annel* e introduz-se nelle o chicote pelo lado opposto ao do cruzamento (fig. 4).

*Nó dobrado*—Faz-se um *annel*; dobrase o chicote sobre si mesmo, abraçando o seio ou o firme e, em seguida, se o introduz pelo lado do cruzamento (fig. 5).

Este nó apresenta a forma de um oito, por isso é tambem chamado *nó em forma de oito*.

Os nós elementares não têm applicação especial, servem apenas de elementos intermediarios na execução de outros.

9—*Nós de emendar ou simplesmente emendas*—Escolhemos as cinco emendas mais conhecidas e de uso mais frequente para mencionar aqui, deixando de lado outras de menor applicação.

*Nó direito*—Cruzam-se os chicotes dos dois cabos e com um delles rodeia-se o firme do outro; cruzam-se novamente os chicotes que ficarão em posição identica á relativa ao primeiro cruzamento; finalmente, com o chicote do cabo com que ainda se não trabalhou, dá-se uma volta em torno do chicote do outro (fig. 6).

*Applicação especial*—Serve para emendar dois cabos que estejam secos, tendo ambos pequena e igual bitola. E' tambem muito empregado no acabamento das ligações.

Este nó apresenta o inconveniente de ficar muito socado pela tensão dos cabos.

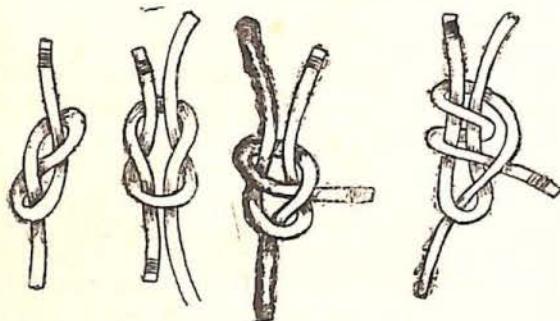
Obvia-se este inconveniente, deixando um dos chicotes dentro do nó em forma de alça; ou introduzindo-se nelle préviaamente uma cavilha de madeira.

*Nó de tecelão*—Faz-se uma alça no chicote de um dos cabos, passa-se por ella o chicote do outro cabo de modo que rodeie os ramos da alça junto á união e torne a passar por ella em sentido opposto ao da sua entrada (fig. 7).

*Nó de pescador*—Apenas differe do nó de tecelão por ter mais uma volta rodeando a alça (fig. 8).

*Applicação especial*—Estes dois nós são empregados de preferencia nas emendas de cabos de bitolas desiguais e quando o chicote de um dos cabos é muito curto.

*Nó inglez* — Dá-se um nó singelo com o chicote de um dos cabos; introduz-se nesse nó o chicote do outro cabo e com elle se dá outro nó singelo de modo que



Figs. 5 a 8

fique neste envolvido o primeiro cabo. Socam-se os dois nós, um contra o outro, puxando pelos firmes (fig. 9).

*Aplicaçāo especial* — É usado vantajosamente quando se trata de unir dois cabos que tenham grande bitola e estejam molhados.

*Nó de mastro ou ligação de calabrote* — Forma-se um annel inverso com o chicote de um dos cabos; colloca-se sobre elle, no lugar do cruzamento, o chicote do outro cabo: passa-se este por baixo do chicote do primeiro cabo e com elle se faz um annel directo, ficando esse chicote por baixo do primitivo annel (fig. 10).

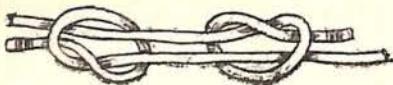


Fig. 9

*Aplicaçāo especial* — Só é empregado quando se deseja unir dois cabos deixando quatro pontas ou pernas.

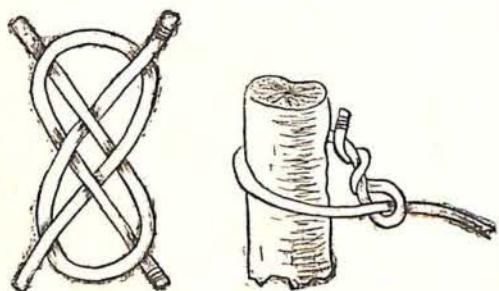
10 — *Nós de amarrar ou simplesmente amarrações* — As amarrações que registamos nestas notas são as mais simples e as mais frequentes nos trabalhos de pontagem, que satisfazem plenamente em todas as suas exigencias.

*Nó allemão* — Com o chicote livre da amarra forma-se um annel em torno do objecto (estaca, etc); passa-se depois esse mesmo chicote por dentro do anel de modo que dê sobre si mesmo duas ou mais voltas (fig. 11). Para socal-o, basta puxar pelo firme

*Aplicaçāo especial* — Nas amarrações de curta duração e no inicio da maioria das ligações.

*Nó de artifice ou de barqueiro* — Iº modo — No chicote livre da amarra dão-se dois aneis, um directo e outro inverso, quando no mesmo sentido, ou ambos directos, quando em sentidos oppostos; sobrepõem-se os aneis, ficando o chicote e o firme pelo lado interior (fig. 12). 2º modo — Fórmase um annel abraçando o objecto e rodeia-se o firme com o chicote; abraça-se novamente o objecto, passando o chicote primeiramente por cima e depois entre o primeiro e o segundo annel formados (fig. 13).

O 1º modo é usado quando se pôde encaplar o objecto (estaca, etc.), isto é, quando os aneis passam livremente pela cabeça da estaca ou de qualquer outro objecto destinado a receber a amarração, podendo, além disso, ser dado em qualquer parte do firme; o 2º modo, é utilizado nos casos de não ser possível o encaplemento e é dado no chicote livre da amarra.



Figs. 10 e 11

*Aplicaçāo especial* — É o mais empregado dentre os nós de amarrar, pela pressa com que é feito e desfeito, sendo vulgarmente conhecido pelo nome de *nó de porco*. Presta-se para fixar as espias e as amarras dos barcos, não devendo, porém, ser muito duradoura a permanencia da amarração. É preferido tambem para iniciar e terminar as ligações.

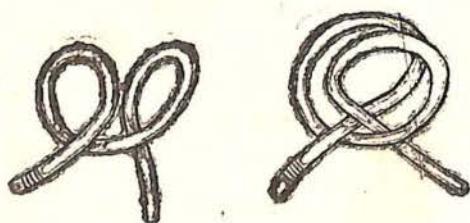
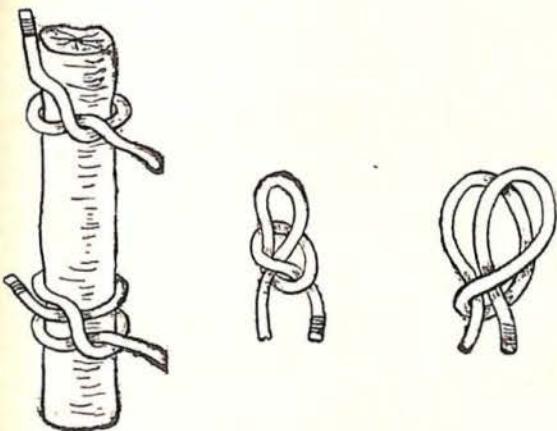


Fig. 12

*Nó corrediço simples* — Formam-se duas alças ligadas e oppostas; abraça-se a primeira com o chicote e em seguida introduz-se este na segunda alça (fig 14).

*Nó corrediço duplo* — Formam-se dois anneis no mesmo sentido, ambos directos



Figs. 13 a 15

ou ambos inversos, sobreponem-se os anneis, ficando o chicote e o firme pelo lado interior (fig. 15).

Não convindo ou não se podendo tra-

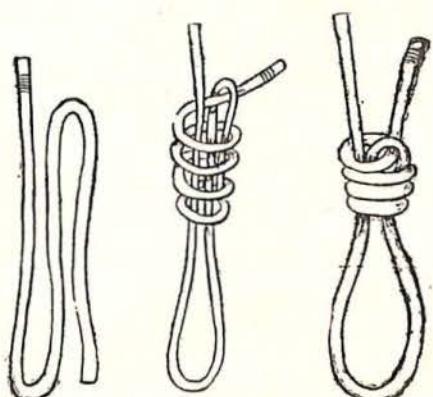


Fig. 16

balhar senão com o chicote livre e pretendendo-se passar o nó por um objecto onde os anneis não possam ser enfiados, procede-se da maneira seguinte:

*2º modo* — Faz-se uma alça abraçando o objecto, uma argola, por exemplo; rodeia-se o firme com o chicote, abraçando ainda a argola com segundo anel em sentido contrario ao primeiro e passa-se finalmente o chicote na alça formada.

*Aplicaçāo especial* — Esses nós servem para prender muitos objectos conjuntamente e para ligar um cabo a uma trave sobre a qual se tenham de exercer esforços perpendiculares.

*Nó de alça corrediça* — Fazem-se duas alças oppostas e ligadas; dá-se com o chi-

cote um certo numero de voltas em torno da primeira alça, de modo que nellas fique envolvido o firme e que da segunda alça reste apenas um olhal para dar passagem ao chicote (fig. 16). Soca-se o nó, puxando pelo firme.

*Aplicaçāo especial* — Serve para as amarrações de longa duração, pois quanto maior fôr a tensão da amarra tanto mais socada ficará a alça.

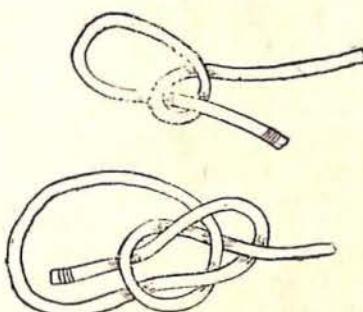


Fig. 17

*Nó de bolina* — Forma-se um anel no firme da amarra, por onde se introduz, dobrando se sobre si mesmo, o chicote que, depois de ter passado e abraçado o firme, vem sair pelo referido anel em sentido contrario ao da sua entrada (fig. 17).

*Aplicaçāo especial* — Presta-se perfeitamente para prender á soga os animaes de tracção e de sella ao serviço das equipagens, por apresentar uma laçada invariavel, que depois de feita jamais corre.

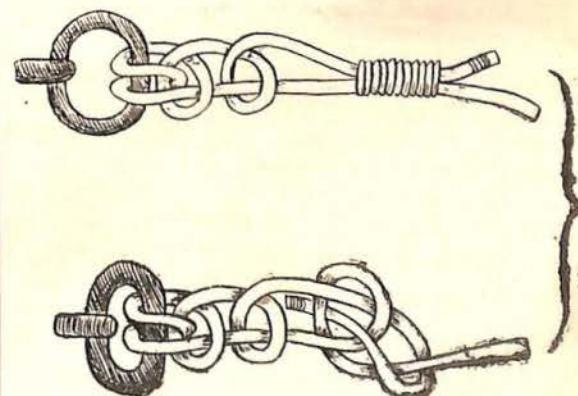


Fig. 18

Serve tambem como remate ou acabamento de outras amarrações.

*Nó ae argola ou de ancora* — Dá-se com o chicote duas voltas em torno da argola e depois dois anneis directos ao longo da amarra, ficando nellas envolvido

o firme (fig. 18). Remata-se esta amarração com outro nó que não corra, o de bolina por exemplo; ou, então, fazendo uma ligação do chicote com o firme por meio de amarrilhos.

*Aplicação especial* — Como o seu nome indica, é de emprego frequente nas ancoragens, para prender as amarras ás ancoras.

(Continua)

2º Tenente Ary Pires.

## Exercícios Tácticos

Com unidades figuradas em esqueleto

Tradução livre de um folheto  
do coronel Hoppenstedt. 1912.

### Um exemplo

A 9 de Fevereiro a ordem regimental tornou publica a seguinte situação de guerra:

— A 28 D. I. azul marcha a 10. 2. da região ao S. de Karlsruhe para o valle de Murg, pelo qual avança o partido vermelho, sobre o Rheno.

*Precede a columna*: 21º R. C. menos 1º esq.,

*Columna direita*: R. I. 40, 1º / 21º R. C., 1º/50º R. A., sob o commando do coronel commandante do 40º R. I., via Steinmauern — Rastatt;

*Columna do centro*: 56º Br. I. menos o 40º R. I., 2º, 3º/50º R. A., via Bietigheim-Muggensturm;

*Columna esquerda*: 28º D. I. menos a 56º Br. I., o 1º/50º R. A. e o 1º/21º R. C.

— Quando a patrilha avançada do tenente R. do 40º R. I. alcança ás 7.30 a estação da estrada de ferro (\*) recebe do capitão S., commandante do 1º/21º R. C. ao qual está subordinado a seguinte indicação:

«Oberwald e Rauenthal estão ocupados pelo inimigo; efectivo ignora-se. Na parcella de matto ao N. do caminho Rastatt-Rauenthal (\*\*) ha patrulhas inimigas. Expulse essas patrulhas e reconheça sobre Rauenthal e mais ao N. O esquadrão esclarece ao S. de Oberwald».

— A testa da columna direita (5º/40º) atinge a estação ás 8.10. O grosso segue a 700 m. da vanguarda, na ordem I, III sem a 12º/40º, Companhia Metralhadoras, 1º/50º R. A., 12º/40º.

— As tropas estarão formadas ás 8º segundo as ordens de seus commandantes, de acordo com a situação.

### Annexo

Distribuição dos commandos e tropas.

*Director do exercicio*: O commandante do batalhão, que tambem representará o commandante do 40º R. I., ajudante do regimento tenente F.

*Commandante do II/40º R. I.*: capitão H; ajudante tenente X.

As companhias formam.

Companhia	TROPA REPRESENTADA	MODO DE REPRESENTAR	Commandante de Batalhão e de Companhia	OFFICIAES
5º/40	2 pelotões com efectivo de guerra.....	Tropa real.	Capitão 5º	2 subalternos
6º/40	1 pelotão idem, idem, da 5º.....	Tropa real.		1 »
	C, restante á disposição do batalhão, para figurar o inimigo, tropas visinhas, assignalar o efecto da artilharia, etc.			
7º/40	6º, 7º, 8º companhias ..	Cada pelotão será representado por 1 commandante e 8 praças; além disso, para cada companhia 1 a 2 corneteiros e uma patrulha.		
8º/40	I/40 .....	Cada companhia representada por 1 sargento e 9 soldados. Para cada batalhão um posto de sinaleiros, 1 corneteiro e uma patrulha de 1 sargento e 6 soldados.	Capitão 8º/40	1 ajudante
	III/40 .....		Capitão 6º/40	1 ajudante
8º/40	1º/21 R. C. .....	1 sargento e 3 soldados.		
	1º/50º R. A. ....	1 sargento e 2 soldados.		
	Comp.º Metralhadoras .	1 sargento, 4 soldados e 1 tambor.		

(\*) Na carta: Bahnhof.    (\*\*\*) Bahnhof — Rauenthal.

Neste pessoal estão incluidos os portaqueiros das companhias, do esquadrão, da bateria e das metralhadoras.

### Decurso do exercicio

De conformidade com a situação de guerra o exercicio principiou por um combate de patrulhas. Deixamos os detalhes dessa escaramuça porque é outro o nosso objectivo e tiramos logo os *facit*: as patrulhas vermelhas foram expulsas da parcella de matto a O. do Federbach, mas as azuis não conseguiram passar além della.

A esse tempo, por ordem do commandante do destacamento, a vanguarda está posta na estrada de Rauenthal.

O commandante da vanguarda ouve o combate das patrulhas e também soube pela cavalaria (informação do director do exercicio) que Oberwald e Rauenthal estão ocupados pelo inimigo, e por isso ordena ao commandante da testa, 5<sup>a</sup>/40, por meio do ajudante, que tome a parcella de matto a E. do Federbach, enquanto a 6<sup>a</sup>/40 por ora vai avançar até a parte S. E. da parcella de matto proxima, as 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup>/40 ao longo do velho aterrado, por este desenfiadas para Rauenthal—Scientifica dessas medidas ao commandante do destacamento.

Em cumprimento a essa ordem de vanguarda a 5<sup>a</sup>/40, depois de ter recebido fogo de artilharia na estrada, transpõe em ordem dispersa o pedaço oeste da matto, chega em desordem na orla E., abriu fogo contra o inimigo na orla opposta, cujo efectivo não era reconhecível, e aí recebeu fusilaria e fogo de artilharia (quadros amarelos) de Rauenthal, meio de flanco, partiu não obstante ao assalto e repeliu o inimigo, agora reconhecido como sendo apenas uma forte patrulha, e a perseguiu através do matto. Então chega o commandante da vanguarda e ordena à testa que ganhe o Schäferrain; estando a companhia desarticulada durou bastante tempo até ter executado essa reunião e efectuado o esclarecimento para Rauenthal e Aulach. Nessa ultima direcção ouvia-se tiroteio na matto, pelo que o destacamento de patrulha tomára a iniciativa de avançar para lá.

O commandante da vanguarda fez avançar as 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> até ao areal (Sandgrube) e participou a situação ao commandante do destacamento.

Este então tinha lançado o grosso. A bateria foi ordenado que ocupasse uma posição a O. da estrada de ferro, objectivo Rauenthal, cobertura a 12<sup>a</sup>/40. As sete com-

panhias restantes, ao longo do velho aterrado seguiram para o orla O. da parcella E. da matto, em reunião, cobertas contra Rauenthal e Oberwald.

Executados estes movimentos, durante os quais o commandante do destacamento tinha seguido para o Schäferrain, chegaram as seguintes participações:

1<sup>a</sup>, do 21.<sup>º</sup> R. Cav. (hypothese):

«Oberwald parece apenas fracamente ocupado. Rauenthal é uma posição avançada, visivelmente forte guarnição; posição principal na altura a 200 ao S. E. da povoação. Atraz da ala esquerda não descobri reservas fortes. Este aviso foi dado directamente á divisão».

2.<sup>a</sup> Da 5<sup>a</sup>/40.

«Rauenthal fortemente ocupado. Movimento na altura atraz da aldeia. Em Aulach inimigo de força desconhecida, contra o qual o 111.<sup>º</sup> R. I. (\*) avança em ataque».

Baseado nestas notícias o commandante do destacamento deu as seguintes ordens avulsas:

«O II/40 apoia pelas 7.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup> o ataque do 111.<sup>º</sup> R. I. Estas companhias levem em conta que o ataque do R. I. proseguirá provavelmente em direcção a Rauenthal. Eu fico no Schäferrain». (Verbalmente commandante do II/40).

«O I/40 com a Companhia de Metralhadoras se desdobra á direita da 5/40, no Schäferrain, frente para a parte N. O. de Rauenthal. Eu...» (Verbalmente pelo ajudante do I/40).

«O III/40 avança para o pedaço do matto ao S. do areal. O batalhão estabelece ligação de signaleiros, via 5.<sup>a</sup>/40, com o 21.<sup>º</sup> R. Cav. e 1.<sup>a</sup>/50 R. A. e com o 111.<sup>º</sup> R. I. Ligação por cyclista com o comando da brigada».

Executados os movimentos decorrentes destas ordens o director interrompeu o exercicio e reuniu os commandantes e sub-commandantes para a critica.

### Primeira critica

Primeiramente foi examinado o *combate das patrulhas*. Accentuou-se que o oficial da patrulha pela sua escaramuça com a patrulha inimiga esqueceu-se do mais importante. Ele não preveniu a testa que não caisse sob o fogo de flanco de Rauenthal; quando depois não pôde mais avançar devia ter procurado seu objectivo principal em proporcionar com os conhecidos

(\*) Da 56. Br., isto é, da columna centro.

mentos do terreno e do inimigo indicações ao commandante da testa sobre a melhor maneira, isto é, mais rapida e com menos baixas, de approximar-se do inimigo. Nessas condições a testa por certo teria avançado pelo N. da linha ferrea e teria cumprido sua missão quasi sem baixas. O director dahi concluiu que em muitos casos será justificado que o commandante da patrulha deixe os homens entregues a um sargento para informar pessoalmente ao commandante sobre o inimigo e o terreno.

Em seguida estudou-se o *combate da testa*.

Formulou-se a pergunta, a quem cabia a culpa, sem falar no commandante da patrulha, de haver sido a testa mal encaminhada, e concluiu-se que era igualmente ao commandante da testa e ao da vanguarda. Recommendou que se estude, já durante a marcha, o trecho da carta em que provavelmente terá logar o combate, de modo a chegar já meio orientado no campo de combate. Tambem condenou o director a companhia testa porque, quando as patrulhas inimigas cederam, se precipitou em seu encalço, tomou o freio nos dentes.

Em circumstancias como as do caso figurado era preciso a todo transe penetrar em ordem no matto que, na realidade, por falta de cartas, nem o commandante de pelotão conhecerá, sinão quanto á extensão, pelo menos quanto á natureza do seu interior. O avanço no matto deve fazer-se não só em ordem mas, ainda, de certo modo, unido. No combate de matto, que aqui não teria sido impossivel, porque as patrulhas podiam ser apenas iscas, a questão essencial, por motivos de ordem moral, é a da cohesão da tropa. Mas principalmente o commandante da testa devia ter reunido a companhia, logo que as patrulhas fugiram; por motivo de ordem tactica não lhe era licito perseguir os fugitivos na direcção de seu assalto. A situação tactica chamava a companhia para o canto S. E. do pedaço de matto. Ali lhe incumbia proteger o Regimento de um ataque de Rauenthal. As patrulhas inimigas deviam ter sido seguidas apenas pelas patrulhas de cá.

Era preciso accentuar a erronea omissão do entendimento mutuo a esse respeito entre as patrulhas e a testa. Assim sucedeu que a testa lançou patrulhas na mesma direcção das da vanguarda, ao

passo que deviam ter dividido o terreno entre si. Mais ainda, o commandante das patrulhas devia ter se subordinado ao commandante da testa.

No esclarecimento sobre Rauenthal a 5<sup>o</sup>/40 esqueceu-se de fazer uso de observatorios de arvores, que teriam tido todo o cabimento.

Demais não é nenhuma deshonra para o official que elle mesmo trepe a uma arvore para observar com o seu bom binocolo. Um olho sem educação tactica não vê nada onde um olho exercitado descobre muito. Como na caça. Então a condição preliminar é que o official eduque sua vista. E suas pernas. Por isso, subam os jovens officiaes ás arvores, mesmo para darem exemplo á sua gente.

Nada melhor que os bons habitos adquiridos na paz. E, dada a importancia do esclarecimento, seria para desejar que se proporcionasse mesmo aos commandantes mais graduados a possibilidade de treparem ás arvores. Será facil, mediante alguns prégos fortes. Este e outros accessorios deviam ser levados pelos sapadores da infantaria.

Passou depois o director a criticar a conducta do *corpo da vanguarda*. Não fez mais que seguir empós a companhia testa, como se isso fosse obrigatorio. E' preciso accentuar que isso é um erro. A vanguarda foi apenas posta na estrada para Rauenthal; eis que chega a noticia de que Oberwald e Rauenthal estavam ocupados pelo inimigo. Se então o commandante do destacamento tivesse tomado a resolução de tomar o Oberwald e em seguida atacar de Oeste Rauenthal e o terreno ao S. da aldeia, pela conducta da vanguarda, elle teria desde o começo perdido um terço do destacamento, desviado dessa direcção.

Portanto, o commandante da vanguarda devia ter esperado pela resolução do do destacamento, assim como, por outro lado, teria sido naturalmente obrigação deste intervir a tempo. No caso presente, porém, tinha havido o propósito de não intervir, já para dar ao commandante da vanguarda um ensejo de agir por iniciativa propria, já porque a direcção seguida pela vanguarda lhe era desejável por motivos de paz, e tambem não seria desagradável sob considerações de guerra.

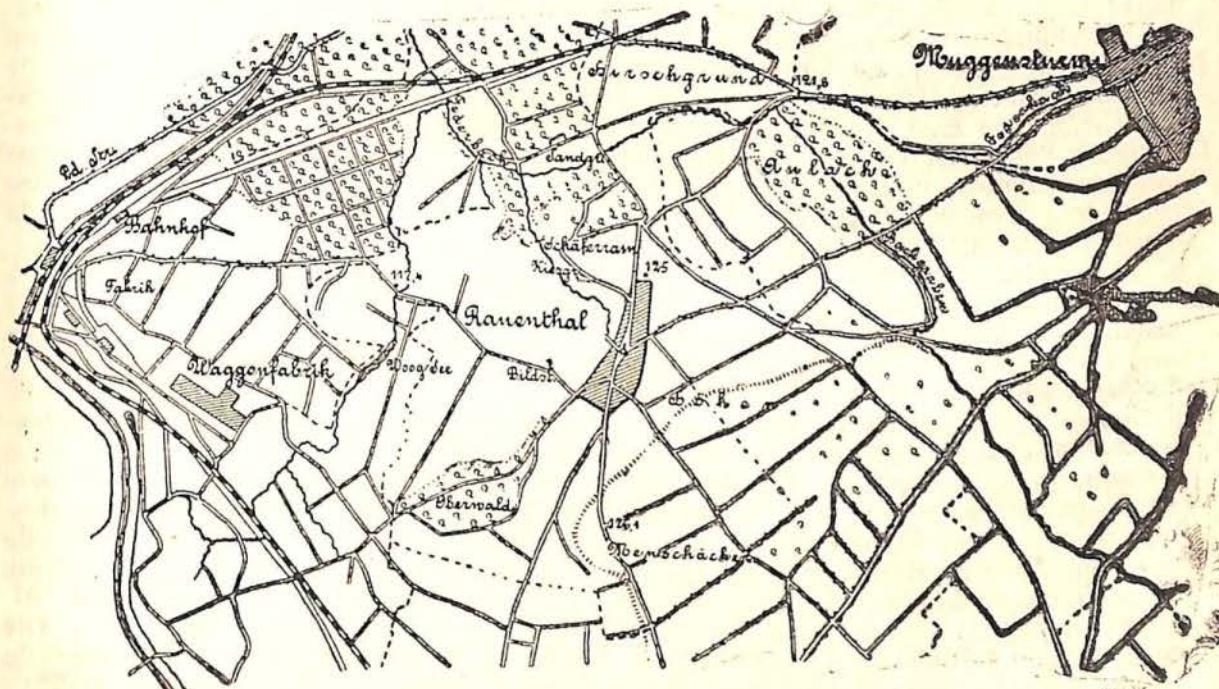
A seu vêr o centro de gravidade do ataque achava-se na ala esquerda da divisão. E' onde estava o grosso da infantaria, a

massa da artilharia, e o commandante, e tambem ahí se achava o campo tacticamente mais importante. Haveria a possibilidade de um ataque envolvente á ala esquerda inimiga, essa idéa era até sedutora, mas oppunham se-lhe duas objecções importantes: a primeira, que o pequeno destacamento naquelle terreno descoberto, com as costas para o Murg podia ser batido isoladamente e sem utilidade para o todo, antes de tempo e seriamente; a segunda, que com o deslocamento de flanco do regimento, para a direita, o inimigo era capaz de atacar a ala direita do 111.<sup>º</sup>, passando pelo Schäferrain.

Em consequencia dessas duas considerações lhe parecera mais conveniente tomar um certo contacto—não de fila—

E' que lhe parecera perigoso levar a artilharia alem do aterrado para ella intransponivel, ao passo que atraz d'elle uma insignificante escolta lhe bastara, e a bateria conservára a possibilidade de se deslocar lateralmente, fóra do fogo inimigo. Depois, a distancia um pouco maior não diminuia a efficacia da artilharia, até a augmentava em vista da posição coberta e das boas condições de observação no aterrado.

O inconveniente está apenas na mais difficult direcção de seu fogo. Seria possivel que mais tarde fizesse avançar a bateria para o descampado no Federbach ou para o Hirschgrund, mas por ora não queria prescindir do seu fogo flanqueante da posição actual.



om o 111.<sup>º</sup>, e para esse fim levára o regimento para a matta.

Tambem agira no mesmo sentido dessa resolução a circumstancia de que lhe parecia totalmente improficio um ataque contra Rauenthal partido de Oeste, ao passo que partindo do N. lhe parecia muito favoravel. Admittia porém que igualmente seria viavel a vanguarda atacar pelo N. e o grosso de S. O., não havendo inconveniente no claro que ficaria entre os dois.

Depois o director tratou dos motivos que o levaram a deixar a bateria a O. da linha ferrea.

Quanto á actividade das *companhias 7.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup>*, lançadas contra Aulach, disse o director que não podia concordar que a sua ordem ao batalhão tambem tivesse sido transmittida a essas companhias. As companhias 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> tendo sido expedidas com uma missão precisa, esta ficando até destacada do batalhão, era necessario que o commandante do batalhão assumisse pessoalmente o commando das 2 companhias restantes. Graças ao seu maior conhecimento do inimigo e do terreno, certamente não teriam então ocorrido os erros que houve.

Estes estavam no facto das companhias terem sido levadas directamente de sua posição inicial no Sandgrube, e sobre Aulach, expondo-se assim a toda sorte de fogos de flanco num percurso de 1000 a 1500 m. Esse fogo seria tanto mais efficaz quanto a missão impunha um combate atirado de pé e além disso á pequena distancia, tal objectivo é extraordinariamente vulnerável, sobre tudo com a nudez hibernal do campo. E' o traço peculiar ás posições avançadas situadas sob o fogo da posição principal: em terreno descoberto elas ainda exigem o ataque quasi exclusivamente frontal.

Assim as duas companhias deviam ter sido conduzidas pelo commandante do batalhão passando pelo N. da altura do Hirschgrund; assim ainda se attingiria o inimigo um pouco de flanco.

O director tambem manifestou seu descontentamento com a condução das *companhias em esqueleto*. Ellas fôram arrastadas de um lado para outro, sem expressão, como as tropas habitualmente figuradas por bandeirolas, inertes, o que absolutamente não correspondia ao objecto do exercicio. E' preciso que á emissão das ordens de taes commandantes de companhias, os commandos dos pelotões se façam exactamente como se esses officiaes tivessem sob suas ordens tropas de efectivo completo, e é imprescindível prestar a maxima attenção á actividade de combate dos homens, por poucos que sejam, tanto em relação ao seu movimento, quanto ao fogo, trabalho de sapa, etc.

Agora passou o director a tratar da acção dos I e III batalhões. Estando as suas companhias apenas assignaladas, só havia estado em fogo o seu commando de um modo geral. Assim foi erroneio tardar tanto a participação de que estava tomada a posição inicial. Para o desdobramento e o desenvolvimento não se deve esperar, para participar, que a operação esteja de facto concluída; deve participar-o desde que esteja assegurada a installação no logar ordenado. Não sendo assim, numa grande unidade essas operações parecerão interminaveis.

Por outro lado taes participações devem ser associadas ás relativas ao inimigo, ao terreno, a tropas vizinhas, possibilidades de ataque, e outras medidas tomadas ou pretendidas, como por exemplo, a respeito de reconhecimento, installação de

postos de signaleiros, melhoramentos de caminhos, pontes, etc. Foi preciso que o commandante do destacamento perguntasse para obter algumas dessas informações, e suspeitava que a ordem de levar os batalhões á posição inicial fôra interpretada muito estreitamente.

Mas isso é detestável: para um ataque imminente cada qual deve tomar a iniciativa de preparar-se radicalmente.

O director despediu os officiaes com a indicação de que novas ordens suas iriam procura-los em seus postos correspondentes á situação de guerra.

Eram 10 horas.

(Continua)

## A doutrina e os processos de Exercício

(Hans von Below)

### Primeiro exercicio de batalhão

(Ponto de reunião: A' direita da estrada para S. Pedro, junto ao Quartel Novo)

No ponto de exercicio, o commandante comunicará aos officiaes reunidos a seguinte hypothese, por elle formulada: «O nosso batalhão marcha na testa do grosso de um destacamento de 4 batalhões (56º Batalhão de Caçadores, I. R. I.), seguindo ao ultimo elemento da vanguarda numa distancia de 800 metros. Esse ultimo elemento está figurado por uma bandeirola azul. O destacamento marcha pela estrada para S. Pedro, para atacar a um inimigo assignalado nessa localidade.»

Na passagem do Arroio Frio, o commandante detém ligeiramente o destacamento e formula nova hypothese, ligada á primeira: «O commandante do destacamento acaba de comunicar que a infanaria inimiga está em posição a 3 kilómetros ao N. (ou a 3 kilómetros aqui em frente, mostrando o ponto do terreno.) Na mesma occasião dá estas ordens, vindas do suposto chefe de destacamento: «O destacamento vai atacar o inimigo.»

«A vanguarda tem ordem de assegurar daquella altura (mostrando) o desenvolvimento do destacamento. O grosso deve continuar a marchar por esta baixada. Commandantes á frente.»

Desta ordem superior deriva uma ordem para o proprio batalhão, que o commandante dá nestes termos: «O batalhão segue nesta direcção, continuando o aju-

dante a orientar a marcha. Capitães comigo á frente»

Em quanto o commandante e capitães se adeantam até a Coxilha Branca, o ajudante providencia quanto ás ligações entre o batalhão e o commando. Na citada

1<sup>a</sup> companhia, sector de ataque, daquelle moinho áquelle arvore (mostrando).

2<sup>a</sup> companhia, sector de ataque, á esquerda da primeira.

3<sup>a</sup> companhia, sector de ataque, á direita da primeira.

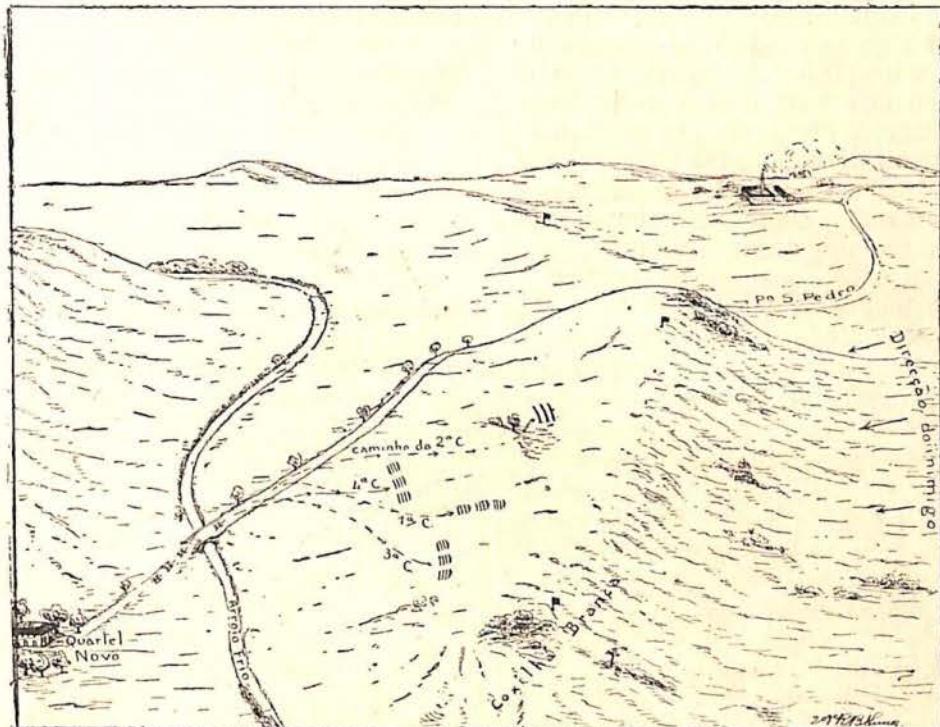


Fig. 15

elevação encontra-se a primeira linha da vanguarda, representada por duas bandeiras azuis. Nesse ponto, o commandante do batalhão communica aos capitães outra ordem hypothetica, vindia do supposto commandante de destacamento: «O I/1º R. I. (o nosso batalhão) desenvolver-se-á á direita da vanguarda e o II/1º R. I. á direita do 1º.

Base o 1º batalhão. Sector de ataque: daquelle casa áquelle coqueiro isolado (indicando no terreno).

Os sectores de ataque do 56º Batalhão de Caçadores e 2º batalhão são, respectivamente, á esquerda e á direita do 1º. O ataque começará depois que o 2º batalhão estiver desenvolvido. O III/1º R. I. atrás da ala direita como reserva.»

De accôrdo com essa ordem, impõe-se logo outra ordem que o commandante dá de facto a seu batalhão: «O nosso batalhão atacará aquele sector, daquelle coqueiro áquelle casa (mostrando no terreno). Estamos enquadrados e somos a base.

4<sup>a</sup> companhia, de reserva, atrás do centro.

Base a 1<sup>a</sup> companhia. Desenvolvimento, lá no proprio abrigo. Darei ordem para começar o ataque.

Os capitães fazem o reconhecimento e conduzem por signaes suas companhias aos pontos determinados (fig. 14).

Está feito o desdobramento; chegadas as companhias, os capitães ordenam o desenvolvimento (fig. 15), o que se faz desenfiado das vistas do inimigo, segundo o terreno e sem qualquer alinhamento.

#### Desenvolvimento e deslocamento das companhias

Tratando do ataque, diz o R. E. I., n. 354: «... a linha de atiradores approxima-se do inimigo o mais possivel, sem fazer fogo, de modo a iniciar o combate com fogo efficaz. Deve esperar-se de uma infantaria bem instruida que, mesmo em terreno descoberto, só abra fogo ás médias distancias». No presente caso, trata-se do

ataque a um inimigo desenvolvido para a defesa.

Favorecidas pelo terreno as tropas já estão a uma distancia média e é de esperar que fiquem, ao sahir do abrigo, expostas ao fogo efficaz do inimigo.

Dessa maneira, o desenvolvimento deve ser feito antes de deixar o abrigo, de forma a poder iniciar immediatamente o fogo.

Seria um erro não desenvolver desde logo forças sufficientes, que nos permittam ganhar a superioridade de fogo. Cada companhia tem um espaço de 130 metros a seu dispôr, o que permite estender 2 pelotões em atiradores desde o começo, ainda mesmo que seja necessario reduzir o intervalo de homem a homem.

As considerações relativas ao effeito do proprio fogo devem prevalecer sobre as considerações relativas aos abrigos (R. E. I. n. 172). Cada companhia deixará o apoio (\*) correspondendo mais ou menos ao centro de seu sector e á retaguarda, para prehencher mais tarde os claros que se venham a dar, reforçar, etc. O desenvolvimento immediato de 2 pelotões tem a vantagem de evitar que as nnidades se baralhem desde o começo.

O ajudante, do abrigo, fará com que os carros de munição vão ter ás suas companhias. Neste momento, ninguem se mostrará sobre a elevação.

Desenfiadas das vistas do inimigo, as companhias desenvolverão suas linhas de atiradores, enquanto os commandantes de pelotão e mesmo de esquadra adeantam-se para reconhecer (\*\*) a binocolo as posições inimigas e se assenhorear de seus sectores.

(\*) O apoio é um reservatorio de fuzis, posto á disposição do capitão, para as ulteriores necessidades do combate da companhia; a reserva é uma força posta á disposição do commando de unidades táticas, para attender ás exigencias do combate.

(\*\*) A condicção fundamental para um bom aproveitamento de terreno consiste em seu prévio reconhecimento. Este deve ser executado com cuidado, mas sem descer a minucias exageradas que retardem a accão e por consequencia, possam comprometter o resultado do combate. (R. E. I. n. 333). «O tenente B. dirige-se para a proxima elevação, acompanhado de dois avaliadores de distancias e occultando-se, começou a examinar o terreno com o binocolo na direcção do Sul. Hasenkuppe, com as suas duas pequenas casas, destacava-se precisamente no céu; contrariamente, os detalhes do terreno intermediario eram muito difficéis de distinguir, porque além de fracalemente ondulado, tinha cahido muita geada. O official descobriu duas elevações em sua frente,

Completado o movimento, far-se-á aparecer na direita da 3<sup>a</sup> companhia outra bandeirola azul, indicando a ala esquerda do 3<sup>o</sup> batalhão. Ahi, o commandante do batalhão determinará que a 1<sup>a</sup> companhia (base) avance para iniciar o combate. O inimigo, que está simulado por bandeirolas vermelhas e alguns atiradores, abre fogo logo que o batalhão se mostra. As companhias respondem o fogo e vão avançando por lances, até mais ou menos a 650 metros.

Antes que a primeira linha tenha attingido a essa distancia, no decorrer dos lances, o commandante ordenará que todas as praças ou graduados, cujos nomes comecem por determinada letra — por B, por exemplo — saiam fóra de combate. Essas praças se incorporarão passivamente á companhia de reserva para que de novo tomem parte no exercicio. Supondo que os apoios tenham desapparecido, fundidos na cadeia, o commandante ordenará á companhia de reserva que reforce a linha de fogo. As linhas de atiradores serão enviadas por lances, e, se possivel, dissimuladas pelo terreno, para os claros da 1<sup>a</sup> linha, deixando ainda um pelotão como reserva. O commandante observará a execução dessas medidas, bem como se na linha de atiradores foram restabellecidos os pelotões e as esquadras.

O batalhão não poderá avançar mais (\*\*\*), desde que não tenha adquirido a superioridade de fogo e por consequencia, se o terreno não permitte maior aproximação, d'ahi deve ser realizado o fogo decisivo. O commandante tem, então, oportunidade de inspecionar toda a linha,

uma mais ou menos a 1/3 e a outra a 2/3 da distancia total. A mais approximada apresentava um pequeno bosque; a outra terminava a L. por um pequeno planalto. Elle avaliou rapidamente com auxilio de compasso e da carta em 2.200 metros a distancia a Hasenkuppe, etc. Do logar onde se achava percebeu até Hasenkuppe a estrada real, como um arco de circulo, com a concavidade voltada para Leste. Em toda a zona comprehendida entre esta estrada e a campina de Pogorzelletes não lhe foi possivel distinguir qualquer tropa inimiga.» (Litzmann—Exercicios de Combate).

Taes observações que deviam ter sido muito rapidas, feitas mentalmente como o foram, constituem um bom exemplo de reconhecimentos de terreno, pela ausencia de preocupações com detalhes sem valor.

(\*\*\*) As distancias de combate são GRANDES, MEDIAS e PEQUENAS. As pequenas distancias vão até 800 metros, as médias vão até 1.200 metros e as grandes até 2.000 metros. (von Below).

certificando-se da maneira por que o ajudante dirigiu os carros de munição, se as companhias se puzeram em ligação com elles e como se aprovisionaram. Depois da luta pela superioridade de fogo, o commandante fará aparecer na linha ini-

sua phase final, a ordem já executada. As diferentes disposições, tomadas pelas companhias, foram certamente impostas pelo terreno. Não obedecem a qualquer schema, mas á vontade dos respectivos capitães, cabendo á critica estudal-as mais tarde.

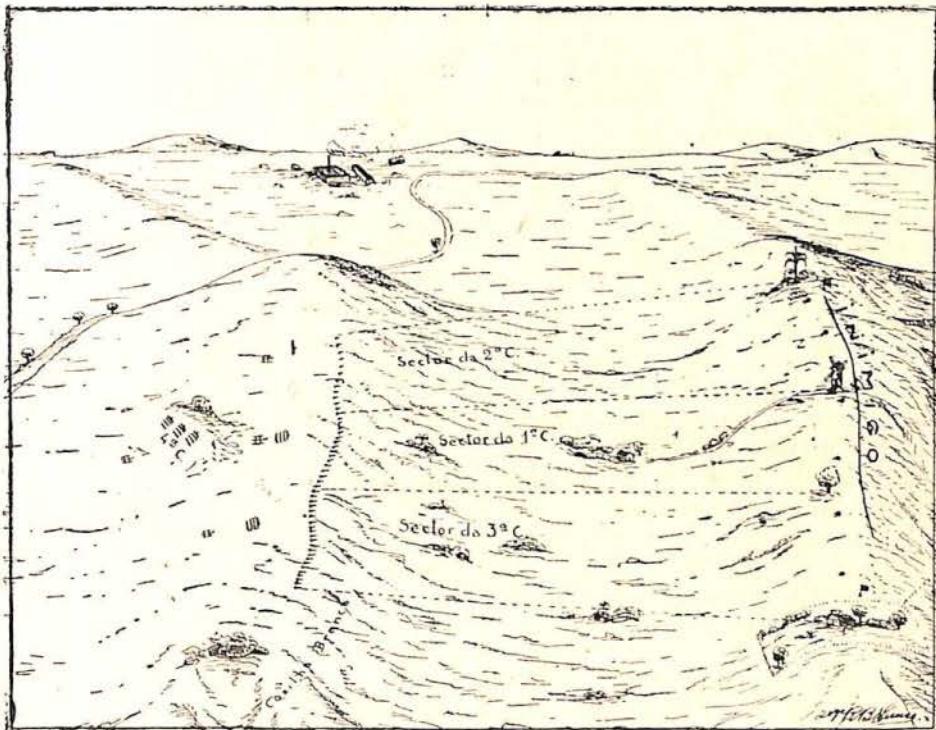


Fig. 16

miga as bandeirolas significando perdas, o que é um signal para que toda a linha avance por lances, preparando o assalto. Embora o commandante não ordene cousa alguma, o assalto deve ser levado a fundo, e, para melhor observal-o, o commandante irá para a linha contraria. Ao pronunciar-se o ataque á baioneta, o inimigo figurado retira-se. Realiza-se, então, a perseguição pelo fogo, até que o inimigo tenha desaparecido. Em quanto isso, os pelotões, que não tenham encontrado logar para atirar, mandam unir.

Partindo da situação em que o batalhão se acha, ao concluir este exercicio, o commandante prosegue neste outro, mediante esta

#### Ordem ao batalhão

A 2º e 4º companhia em 1º linha per seguirão o inimigo que se retira.

1º companhia, atrás da ala esquerda e 3º atrás da ala direita, em segunda linha». (fig. 16).

**NOTA:** A fig. mostra o exercicio em

Tomadas as notas ou feitas as devidas observações, o commandante formula outra hypothese e dá esta nova

#### Ordem ao batalhão

«O 56º Batalhão de caçadores está em nossa frente, estendido em atiradores.

As nossas companhias de 1º linha já reuniram os seus atiradores.

Base a 2º companhia. Direcção áquelle arvore. A 4º companhia a 200 metros de intervalo. Companhias de 2º linha, a 200 metros de distancia e escalonadas a 100 metros nos flancos das companhias de 1º linha» (fig. 17).

Esta ordem pôde ser dada pelo commandante ás companhias de 1º linha e transmittida pelo ajudante ás de reserva. O commandante estará a uns 300 metros na frente do batalhão, os capitães a uns 200 na frente das companhias e os 1º tenentes, adeantando-se uns 40 metros, vão levando as respectivas companhias para os pontos que os capitães forem indicando.

As distancias acima não são schematicas, mas variam conforme o terreno.

Tomadas as novas disposições pelas

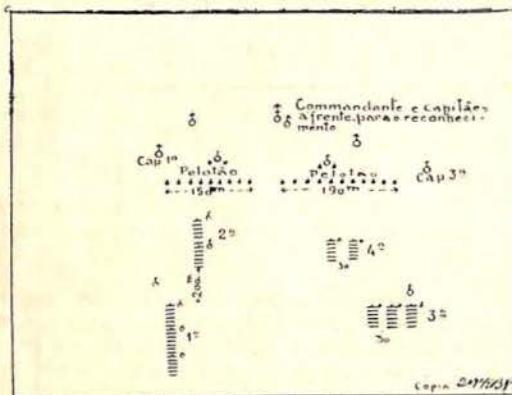


Fig. 17

companhias, o commandante ordena uma mudança de direcção (R. E. I. n. 267), dando nova direcção á base (2<sup>a</sup> companhia).

As successivas disposições das companhias variam conforme o terreno.

### Reunião do batalhão

Para terminar o exercicio por uma evolução, conforme o espirito do regula-

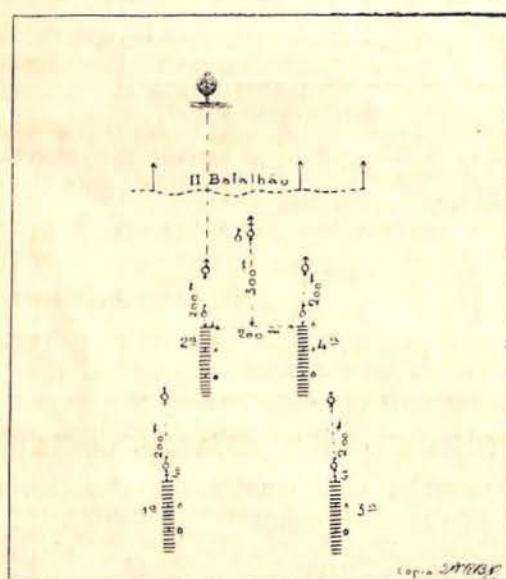


Fig. 18

mento, no capítulo que trata do batalhão (R. E. I. n. 255 e 268), o commandante faz chegar aos capitães a seguinte

### Ordem ao batalhão

«O batalhão reunir-se-á em *columna de companhia em linha de columnas* sobre

a 4<sup>a</sup> companhia. A 4<sup>a</sup> companhia n'aquella direcção (mostrando).» R. E. I. n. 268.

Sucedem-se as companhias na columna, entrando pelo caminho mais curto e *não segundo os seus numeros* (R. E. I. n. 268).

Formada a columna (fig. 18), o commandante mandará, em lugar conveniente, ensarilhar-armas, á vontade ou debandar. Depois, convocará os officiaes á critica.

Acompanhadas pela banda de musica, as companhias desfilarão antes de entrar no quartel, em columnas de pelotões.

Então, é preciso exigir ordem, garbo e precisão de movimentos, de que o commandante fará critica exigente, na roda dos officiaes.

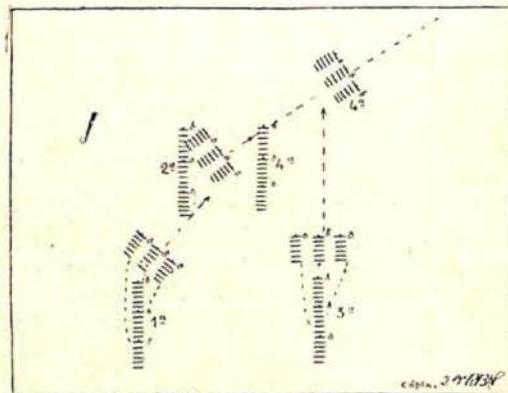


Fig. 19

Se uma companhia desfila bem, o commandante deve exclamar: Muito bem tal companhia!

O efecto é seguro, porque a tropa, depois das fadigas do exercicio, emprega suas ultimas forças, toda sua disciplina e espirito militar para obter semelhante resultado.

2º tenente F. Paula Cidade

### Exercícios de quadro a cavallo

As grandes manobras nada mais são do que o coroamento da instrucção da tropa e constituem o exame final das grandes unidades — a divisão e o corpo de exercito, precedido dos exames parciais das unidades tacticas.

O jogo da guerra é a sabbatina dos preceitos e da doutrina dos regulamentos em vigor; não se deve confundil-o, como tem acontecido entre nós, com o thema tactico e com o complemento tecnico deste, isto é o thema de tiro.

Nas secções desse importantissimo exercicio, no meu vêr o mais difícil de todos, a technica do tiro, a ocupação de posições, satisfazendo a

certas condições, desenfiadas ou não em um certo grao, etc., devem ser consideradas como sabidas, não sendo essas sessões a occasião e muito menos o logar para que tais conhecimentos sejam ensinados ou examinados.

Segue-se d'ahi, naturalmente, que o estudo do tema tactico deverá preceder de muito o jogo da guerra no qual, tambem, a leitura de carta desempenha papel perfeitamente analogo ao das taboadas nas operações arithmeticas.

O tema de tiro de artilharia, complemento technico do tema tactico, pôde e deve, mesmo, ser estudado antes deste e independentemente quanto aos seus diferentes elementos—a goniometria, o problema do desenfiamento ou da massa cobridora, mecanismos de tiro, etc.

No tema tactico descemos a detalhes que nos podem conduzir até a verificação de uma alça minima, do emprego de um ou doutro projéctil; detalhes estes que são inadmissiveis no jogo da guerra.

Iniciar este importantissimo exercicio entre officiaes não afetos aos themes tacticos e que ainda se não tenham habituado a "sentir" o terreno á simples inspecção da carta sempre mais ou menos incompleta, imperfeita, será permanecer no dominio da theoria e fazer, na melhor das hypotheses, não futuros chefes mas, simplesmente, bachareis em tactica.

Antes do jogo da guerra (resolução de themes sobre a carta) devem ser feitos os *exercicios de quadro a cavallo* ou resolução de themes no terreno, como a "viagem de estado-maior é a resolução de themes estrategicos tambem no terreno".

No jogo da guerra os themes a serem resolvidos são, em geral, de grande envergadura e sempre entre partidos; ao passo que os do exercicio de quadro obedecem á lei didactica da progressividade, podendo no grupo de artilharia de campanha obedecer ao seguinte plano:

- a) Exercicios de quadro na bateria;
- b) Exercicios de quadro no grupo.

*Exercicios de quadro na bateria.* Começa-se pelo mais simples dos exercicios de quadro, neste caso, feito a pé:

1 — Um inferior conduz ao terreno, nas immediações do quartel, os recrutas e os graduados da bateria. O exercicio consta do seguinte: orientação; leitura de pontos notaveis da carta e sua indicação no terreno; indicação de pontos notaveis no terreno e sua posição na carta (\*); medida das distancias na carta; avaliação das distancias na carta: avaliação das distancias á simples vista. Esta pratica deve ser feita, pelo menos, duas vezes ao mez, durar cerca de uma hora, tocando a todos os inferiores da bateria a vez de dirigir-a.

2 — Turma a cavallo formada pelos inferiores e graduados da bateria sob a direcção do menos graduado dos officiaes: Recapitulação mais detalhada do programma anterior; escolha de posição para uma bateria, obedecendo-se a uma situação tactica muito simples; avaliação de distancias, afastamentos angulares, etc.; discussão da posição escolhida e modo de ocupal-a. Duração do exercicio 1 h.30.

3 — Turma nas mesmas condições sob a direcção de um 2º tenente, da qual poderia fazer parte um aspirante a official: Condução da turma a um dado ponto do terreno; mesmo trabalho anterior um pouco mais ampliado.

(\*) Cartas nas escalas de 1:25.000 e 1:100.000, que devem, quanto antes, ser publicadas e, como os regulamentos, postas à venda.

4 — Turma a cavallo formada pelo 2º tenente e inferiores sob o commando do 1º tenente: Mesmo programma anterior; escolha de uma posição e sua discussão segundo uma situação tactica mais complexa na qual sejam consideradas as tres armas e metralhadoras.

5 — Turma formada pelos officiaes e inferiores da bateria sob o commando do capitão. Este conduz a turma a um certo ponto do terreno, figura uma situação tactica na qual seus officiaes desempenhem os papeis — de chefes de bateria, os 2ºs tenentes e de commandante de grupo, o 1º tenente.

6 — O major divide os officiaes do grupo em dois partidos aos quaes a situação tactica geral e a particular de cada um é comunicada de vespera.

Este exercicio, o maior dos exercicios de quadro, é o jogo da guerra realizado no terreno e dura cerca de 4 horas; ao passo que uma sessão de jogo da guerra não deve exceder de hora e meia.

Os exercicios de 1 a 5 dão lugar a trabalhos de gabinete onde são feitos os «croquis» do tema estudado para serem apresentados no dia seguinte.

Por mais simples que seja o exercicio realizado, elle terminará sempre por uma critica.

O programma aqui esboçado presta-se a grande desenvolvimento e a uma grande commodidade de execução. O primeiro exercicio pôde ser feito antes mesmo do exame de recrutas, mas os outros devem ser realizados apôs os exames de bateria.

\* \* \*

O programma de trabalhos praticos para os officiaes arregimentados da artilharia de campanha poderia, em traços geraes, ser assim organizado:

- a) Themas de tiro para serem resolvidos no gabinete;
- b) Equitação diaria (\*) durante um mez no inverno, cada anno sob a direcção de um capitão;
- c) Exercicios de quadro a cavallo;
- d) Serviço de patrulha á noite;
- e) Pequenas conferencias sobre assumtos militares, cujo tema seria deixado á escolha dos capitães e 1ºs tenentes e determinado para os officiaes menos graduados;
- f) Commando dos officiaes junto ás outras armas;
- g) jogo da guerra.

Capitão Parga Rodrigues.

(\*) Este exercicio em «escola» não exclue a obrigaçao que deve ter todo official montado de pelo menos 4 vezes por semana montar o seu cavallo durante 40 minutos, no minimo.

## Subscrição em favor das victimas do "Contestado"

Por ter de ausentar-se desta Capital, deixando a presidencia do Club Militar, restituui-nos o Snr. general Luiz Barbedo a quantia de 8:652\$270, pertencente á subscrição aberta pela A Defesa Nacional em favor das victimas do "Contestado".

A importancia total subscripta attingiu a 14:781\$670, dos quaes 6:129\$400 já foram distribuidos pelos herdeiros de officiaes e praças que legalmente se habilitaram, faltando ainda distribuir a quantia que nos foi restituída pelo presidente do Club Militar.

Não se tendo conseguido descobrir novos herdeiros, a despeito dos esforços empregados pelo presidente do Club Militar, faremos nova distribuição pelos já favorecidos, de accôrdo com a orientação seguida pelo mesmo.

# A instrucção na Companhia

*I — A inconveniencia de instructores especialistas, admitidos estes, em parte, apenas com relação aos recrutas e á instrucção de tiro. A Divisão do Trabalho.*

*II — Os officiaes instructores e o desdobramento do programma instrutivo annual:*

- Primerio periodo de ensino individual (escolas de recrutas e de praças promptas);*
- Segundo periodo de ensino individual (instrucção em conjunto das praças promptas, antigas e recent-promptas);*
- Periodo de escola de companhia. Outros periodos consequentes do R. I. S. G.*

*Conclusao.*

## (CONTINUAÇÃO)

### II

Demais, já o proprio regulamento de continencias de 20-1-15, no seu art. 6 tem estatuido:

«Os aspirantes do Exercito têm o mesmo direito á continencia que os segundos tenentes.», o que implica inevitavel paridade dos aspirantes e tenentes, como subalternos.

Ha um outro ponto, no que concerne ainda a programmas de instrucção para a tropa, que nos parece poder merecer um reparo. Referimo-nos á ausencia de programmas semanaes para os batalhões, regimentos de cavalaria e grupos de artilharia, durante as suas 4 semanas de instrucção.

Dessas unidades as que forem encorporadas estão para os coroneis na mesma relação que as companhias, esquadrões e baterias para os maiores; e as que não o forem estão em relação immediaita para com a brigada ou divisão, se se tratar de força divisionaria, pondo-se, assim, os chefes respectivos, por intermedio dos programmas semanaes, a par da maneira como corre a instrucção nas unidades mencionadas, dentro do periodo assignaldo.

Esses programmas terão a vantagem de orientar os officiaes dessas unidades segundo a marcha que normalmente comporte uma gradação das questões tacticas, devendo os respectivos commandantes, quando possivel, solicitar das unidas das outras armas e metralhadoras o seu concurso, de modo a que os temas apresentem aspectos de ligação e serviços dessas armas (R. E. I. 478).

Do mesmo modo que nas companhias, esquadrões e baterias, aquellas unidades scientificarão de vespera, pelo menos, aos chefes imediatos o local, o thema a desenvolver e a hora do desenvolvimento da accão.

*Conclusao.* — Em resumo, as idéas aqui estipendiadas, supostas praticaveis, poderiam ser adoptadas geralmente, fazendo-se no nosso actual R. I. S. G., pelo menos, as seguintes modificações:

1) Suprima-se o § 8º do art. 23: «A instrucção dos graduados e sargentos será ministrada nos dias disponiveis durante todo o anno de instrucção», em face do § 3º do art. 31: «Os cabos e os sargentos terão uma instrucção especial, ministrada por um official subalterno, ou pelo proprio capitão, sem prejuizo do auxilio que elles tiverem de prestar como munitores e chefes de turmas de recrutas», tendo-se em vista o art. 39: «A partir da escola de companhia, esquadrão ou bateria, a instrucção da tropa servirá tambem para a preparação dos quadros, isto é, do con-

junto dos officiaes, sargentos e cabos de cada unidade...»

O paragrapo cuja suppressão se aventa, fala em *dias disponiveis* durante todo o anno de instrucção.

Que dias disponiveis são esses? Quando não estejam os homens de serviço? Mas isso é ocioso, pois, mesmo no Serviço, pelo menos interno, todo o mundo, inclusive os officiaes de dia, está sujeito aos trabalhos da instrucção.

Mesmo de noite, as praças da guarda, plantões, até os presos, frequentam a escola regimental.

Mas então a instrucção dos graduados e sargentos só deverá ser ministrada quando esses homens estejam disponiveis? E quando isso se dará pois, não são esses homens necessários como auxiliares da instrucção nos mesmos tempos instructivos regulamentares, sob a direcção ou não de officiaes, no periodo de ensino individual?

Vê-se, assim, que esse regimen especial, *durante todo o anno*, é inexequível na pratica.

2) Substituir a redacção do art. 25, pela que já apontámos paginas atraç.

3) Accrescente-se ao art. 26 o seguinte:

«Deste exame serão excluidas as praças recent-promptas, salvo os voluntarios de um anno.

4) Modificar o art. 29, assim:

No primeiro dia util do mez de janeiro, e durante este mez, funcionará em cada companhia, esquadrão ou bateria, o nucleo de instructores de recrutas, composto de dois subalternos designados para presidirem ao ensino pratico correspondente e dos sargentos, como auxiliares.

Com esse pessoal reunido a algumas praças promptas, das mais bem instruidas, farão os mesmos officiaes, sob a immediata fiscalização do capitão, em dias alternados, uma recordação practica dos assumptos que tiverem de ensinar aos recrutas, preparando assim seus auxiliares para que dêm a instrucção com perfeição e uniformidade.»

5) Suprimir o ultimo periodo do § 2º do art. 31:

«Um official subalterno será o encarregado geral da instrucção dos recrutas, um outro da das praças promptas», à vista do accrescimo do art. 31 mais abaixo transscripto.

6) Accrescentar a esse § 2º do artigo 31, feita a suppressão acima, o seguinte: «Depois da exame de recrutas, serão dissolvidas as classes destes, que se encorporarão ás praças promptas, fazendo então o capitão a competente divisão da unidade em sub-unidades de comando de subalterno, já preparando, assim, o regimen para o periodo de instrucção em conjunto de sua unidade.

7) Substituir o trecho do § 3º do art. 31, acima enunciado, pelo seguinte: «Os cabos e os sargentos serão instruidos no que for de especial, pelos officiaes da companhia, bateria, etc., obedecido o mesmo criterio que com as praças promptas e de acordo com o § 1º do art. 39.»

8) Substituir a redacção do § 5º do art. 31: «E' obrigatorio o revesamento annual dos officiaes nos diversos ramos da instrucção», pelo seguinte: «E' obrigatorio o revesamento annual dos officiaes no que entende com a instrucção practica dos recrutas, exceptão da de tiro de instrucção.»

E' preciso notar que a proposição como está lançada dentro da parte do regulamento, que en-

tende, em geral, com a instrução da tropa, a qual, pelo art. 23, abrange escolas desde as de recrutas, companhias, batalhão, etc., até a de brigada, parece anarchica, desde que positivamente não especifica quais são os officiaes sub-entendidos.

9) Suprimam-se as palavras: *aspirante e*, da linha 23<sup>a</sup>, pg. 25, art. 31.

10) Acrescente-se ao art. 31, com as modificações acima, o seguinte: «Na discriminação da instrução de que se deverão encarregar os subalternos, o capitão deverá ter em vista também o preparo que o oficial cada vez mais deverá ir adquirindo com o ensino; devendo ser isso feito de modo que para cada oficial seja possível o desdobrar do programma communum do ensino anual, com continuidade e progresso gradual de todas as suas partes, atacada simultaneamente a instrução tanto teórica como prática, de acordo com o 3º § da pg. 48 do R. I. S. G. (art. 94).

Para isso todos os subalternos agirão com independência uns dos outros, sobre o conjunto das praças promptas no primeiro período, em dias equitativamente distribuídos, da semana, obedecendo, porém, às especialidades que lhes forem determinadas pelo capitão, no que concerne à instrução propriamente dos recrutas.

No ensino destes é recomendável, sempre que for possível, no que houver de communum, exemplificar préviamente a instrução com a utilização das praças promptas.

Devendo merecer especial cuidado do capitão o tiro de instrução, fica isso a seu cargo com relação a todo o pessoal prompto antigo, reservada a instrução preparatória de recrutas ao 1º tenente, bem como a de tiro de *stand* destes, depois de sua passagem a prompts.

Quanto à organização dos programas semanais para a instrução dos batalhões, regimentos de cavalaria e grupos de artilharia, relativos aos períodos que lhes estão destinados, procederão os respectivos commandantes similarmente ao que está instituído para as companhias, esquadrões e baterias, pondo-se esses chefes em relação com os imediatamente superiores de que dependem, não só para lhes remetterem esses programas como para lhes informarem, pelo menos na véspera, sobre o local, o exercício e a hora em que se deva desenvolver a ação.»

Na composição desses programas dever-se-á, tanto quanto possível, tomar em consideração as ligações das armas, recorrendo os commandantes de uma ao auxílio das outras e vice-versa, mediante prévio acordo. (R. E. I. de 16-12-14, art. 478.)

11) Substituir a redação do art. 38: «Os tiros de combate serão realizados em épocas especiais marcadas pelos regulamentos de cada arma», pela seguinte:

Art. 38. «Os tiros de combate serão realizados em cada arma, dentro dos períodos de instrução relativos das unidades respectivas, e também no dia imediato, devendo os tiros de exame de companhia, na infantaria, e de bateria, na artilharia, seguirem-se aos de batalhão ou grupo, procedendo as demais unidades das outras armas, tanto quanto possível, como a infantaria, tudo compativelmente sempre com o respectivo regulamento de tiro.»

Esse enquadramento torna-se necessário, afim de evitar a tomada de tempo nos meses de no-

vembro e dezembro, que destinamos para a dispensa anual dos officiaes e sargentos, consoante o art. 54 do R. I. S. G.

12) Substituem-se as 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> linhas da pg. 34 (ainda art. 54): *os officiaes e de duas para os aspirantes e sargentos*, pelo seguinte: *os officiaes e aspirantes e de duas para os sargentos*.

13) Substituir a redação do 3º período já referido da pag. 48 (art. 94): «Desde o começo atacar-se-ão simultaneamente todos os pontos da instrução», pela seguinte: «Desde o começo a instrução será atacada simultaneamente tanto em a sua parte teórica como na prática de modo que os exames de companhia, esquadrão e bateria possam obedecer a uma coordenação commun, procedendo-se identicamente com relação aos exames de recrutas e de praças promptas.

Para a constituição dos respectivos programmas, essas unidades, quando encorporadas, fornecerão ao major a especificação da matéria dada, e o commandante de caçadores, grupo, ou regimento, então, conforme com essas indicações, organizará esses programmas.»

14) Suprimir o numero 5 do art. 152: «Distribuir os pelotões da companhia pelos subalternos, entregando-lhes o material necessário e responsabilizando-os pelas faltas que encontrar.»

15) Suprimirem-se, igualmente, baseando-se tal supressão em razões idênticas às que autorizam a do item 14, os ns. 7 do art. 202 e 3 do art. 213.

Nota. — Convém declarar, entretanto, que as modificações deste ultimo item são propostas com as devidas reservas, cabendo aos nossos camaradas da cavalaria e da artilharia melhor dizerem a respeito.

Finalmente, para terminarmos, convém ainda declarar que, a propósito do enquadramento aqui proposto para os exames dos tiros de combate, nos ocorrem algumas considerações sugeridas pelo nosso R. T. I. de 8-1-13, já citado, com relação a alguns de seus artigos, que precisam de ser modificados, ora para se pôr em harmonia com o R. I. S. G. de 29-3-16, ora para deixarem, de alguma forma, de ser contraditórios entre si, podendo accordar-se com o alvitre fundamental aqui aventado.

Com efeito: reza assim o art. 56:

«O anno de tiro começa um mez depois da chegada dos recrutas e termina com o anno civil.»

M-s em virtude do que estabelece o art. 54 do R. I. S. G., referido:

«Depois das manobras, e na falta destas, depois do ultimo exame de instrução de cada unidade, os respectivos officiaes terão direito a uma dispensa do serviço, que será regulada pela autoridade competente e concedida por turmas, de modo a não prejudicar as necessidades do serviço. Esta dispensa, que poderá ser gozada em qualquer lugar, será de quatro semanas para os officiaes e de duas para os aspirantes e sargentos...», vê-se que o final do anno de tiro deve coincidir com o ultimo mez anterior às manobras. ou na falta destas, com o ultimo exame de instrução de cada unidade.

Por outro lado, os artigos 227 e 168 parecem incompatíveis: Com efeito, o artigo 227 manda que o commandante do regimento *remetta com o seu relatório dos tiros de exame*, os relatórios dos

commandantes de batalhão, annualmente, antes de 30 de Janeiro, ao commandante da brigada e este ao commando da região; ao passo que o art. 168 determina que *esse mesmo relatorio dos tiros de exame* deverá ser remettido todos os annos antes de 15 de novembro ao Chefe do Estado Maior, por intermedio dos commandos das regiões.

E' indiscutivel a necessidade de se harmonizarem esses dispositivos.

Finalmente, para que possam as manobras de outubro terminar o anno instructivo, o concurso annual de praças de que tratam os arts. 210 a 212 do R. T. I. (premios de tiro), deverá realizar-se em setembro; e, attendendo á economia de

tempo e de munição, conviria que a esse concurso se encorporasse o dos officiaes, referido nos arts. 202 a 209 (premios de honra), tornados, assim, os sargentos commumente habilitados para os dois concursos, e na mesma época, apenas com os resultados do primeiro; devendo neste particular ser modificado o art. 203.

Cabe-nos, agora, para synthetizar o que até aqui temos dito, sobre este assumpto, apresentar á consideração dos nossos camaradas da infantaria, um quadro por onde melhor se poderá apreender o nosso objectivo:

Quadro de distribuição semanal do tempo de trabalho dos officiaes de uma companhia de batalhão de infantaria, com descriminação da natureza da instrucção a ministrar, observado o proseguimento gradativo do programma instructivo annual.

a) 1º periodo: *escola de praças promptas e recrutas*.

Officiaes	Praças	Tempos regulamentares de instrucção e dias da semana.			Tempo semanal utilizado na instrucção	Observações
		1º Tempo	Tempo intermedio	2º Tempo		
Capitão	Promptas			1ª comp <sup>a</sup> : Segunda-feira 2ª comp <sup>a</sup> : Terça-feira 3ª comp <sup>a</sup> : Quinta-feira	2 horas	Tiro de stand. Os 3 outros tempos identicos da semana ficam reservados correspondentemente aos 3 subalternos para instrucção das praças promptas. Quando convier ao capitão utilizar-se do 1º tempo do mesmo dia, ficará o 2º reservado ao respectivo subalterno de dia.
	Promptas e recrutas	1ª comp <sup>a</sup> : 3 <sup>a</sup> feira e sab. 2ª comp <sup>a</sup> : 3 <sup>a</sup> e 5 <sup>a</sup> feira 3ª comp <sup>a</sup> : 4 <sup>a</sup> e 6 <sup>a</sup> feira			6 horas	Instrucção ás praças promptas na 1 <sup>a</sup> metade do tempo, relativamente ao programma completo; e na parte restante do tempo, aos recrutas, instrucção preparatoria do tiro e theorica em geral, com exclusão da que entender com a designada aos demais subalternos.
1º Tenente	Promptas com frequencia das recrutas		1ª comp <sup>a</sup> : 3 <sup>a</sup> feira e sab. 2ª comp <sup>a</sup> : 3 <sup>a</sup> e 5 <sup>a</sup> feira 3ª comp <sup>a</sup> : 4 <sup>a</sup> e 6 <sup>a</sup> feira		3 horas	Instrucção relativa ao programma completo : signaleiros, conhecimentos de toques, canções, etc.
	Promptas			1ª comp <sup>a</sup> : 3 <sup>a</sup> feira 2ª comp <sup>a</sup> : 5 <sup>a</sup> feira 3ª comp <sup>a</sup> : 6 <sup>a</sup> feira	2 horas	Instrucção relativa ao programma completo.

Continua na pagina seguinte.

**Observação** — Quando, por motivo de força maior, não possa um official comparecer ou assistir á instrucção que lhe compete, nem por isso deixará esta de ser ministrada, sem interrupção,

por aspirantes ou sargentos designados, consonte o ultimo paragrafo do art. 31 do R. I. S. G., os quaes obedecerão sempre ás instrucções do respectivo official encarregado.

A DEFEZA NACIONAL

Oficiais	Praças	Tempos regulamentares de instrução e dias da semana.			Tempo semanal utilizado na instrução	Observações
		1º Tempo	Tempo intermedio	2º Tempo		
2º Subalterno	Promptas e recrutas	1ª comp <sup>a</sup> : 2ª e 5ª feira 2ª comp <sup>a</sup> : 4ª e 6ª feira 3ª comp <sup>a</sup> : 2ª feira e sab.			6 horas	Instrução ás praças promptas na 1ª metade de tempo, relativamente ao programma completo; e na parte restante do tempo, aos recrutas, ordem unida e esgrima e o que entender com trabalhos de campanha.
	Promptas com frequencia das recrutas		1ª comp.: 2ª e 5ª feira 2ª comp.: 4ª e 6ª feira 2ª feira e sab, 3ª comp.:		3 horas	Instrução relativa ao programma completo; signaleiros, conhecimento de toques, canções, etc.
	Promptas			1ª comp.: 5ª feira 2ª comp.: 6ª feira 3ª comp.: 2ª feira	2 horas	Instrução relativa ao programma completo.
3º Subalterno	Promptas e recrutas	1ª comp <sup>a</sup> : 4ª e 6ª feira 2ª comp <sup>a</sup> : 2ª feira e sab. 3ª comp <sup>a</sup> : 3ª e 5ª feira			6 horas	Instrução ás praças promptas na 1ª metade do tempo relativamente ao programma completo; e na parte restante do tempo, aos recrutas, ordem aberta e gymnastica e o que entender com serviços de campanha.
	Promptas com frequencia das recrutas		1ª comp <sup>a</sup> : 4ª e 6ª feira 2ª comp <sup>a</sup> : 2ª feira e sab. 3ª comp <sup>a</sup> : 3ª e 5ª feira		3 horas	Instrução relativa ao programma completo ; signaleiros, conhecimento de toques, canções, etc.
	Promptas			1ª comp <sup>a</sup> : 6ª feira 2ª comp <sup>a</sup> : 2ª feira 3ª comp <sup>a</sup> : 3ª feira	2 horas	Instrução relativa ao programma completo.

**Nota** — Pelo presente quadro vê-se que durante a semana as praças recrutas receberiam individualmente 27 horas de instrução, ou, 4,5 horas, em média diaria; e as praças promptas, 35 horas, ou, em média diaria, 5 horas e 50 minutos.

E' preciso ainda levar em conta para os homens, os trabalhos relativos á escola regimental, e para o oficial o tempo de que precisa ainda para a sua preparação individual.

Para essa instrução attenta, dispensaria o capitão, pelo menos, 2 horas, e cada subalterno 11, semanalmente, correspondendo, para cada um destes, a uma média diaria de 1 hora e 50 minu-

tos, sem prejuizo dos serviços e instrução especiais e extraordinarios de qualquer natureza, a que, pela sua função estejam obrigados.

b) — 2º periodo — Escola de praças promptas antigas e recem-promptas (4 semanas).

Depois do exame de recrutas e durante o resto do periodo de escola das praças promptas, continuarão os officiaes da companhia a agir nos mesmos tempos e dias sobre o conjunto das praças antigas e recem-promptas, persistindo o capitão com o tiro de stand ainda para as praças antigas, ressalvada ao 1º tenente a instrução de tiro de stand para as praças recem-promptas, exclusivamente, não entrando estas ultimas no re-

specílico exame do anno, salvo os voluntarios de um anno.

*b) — Escola de companhia — 8 semanas).*

Capitão: a mesma coisa que no periodo anterior, com relação ao tiro de *stand*, sem prejuizo da instrucção de conjunto, que lhe é peculiar, o que implica a constituição dos pelotões e direcção dos tiros de preparação, dos de esquadra e pelotão, de conformidade com o regulamento de 8-1-13, art. 143, bem como da inspecção de qualquer instrucção especial de que estejam os subalternos encarregados, observada, tanto quanto possível, a distribuição equitativa do tempo e do trabalho para os subalternos, estabelecida no periodo de ensino individual, devendo continuar este ensino dentro do anno instructivo, a cargo dos mesmos subalternos, que delle estiveram incumbidos, na parte que, por falta de tempo, não haja sido dada no periodo anterior, assim como na que, pela sua natureza, deva sempre ser prosseguida.

A instrucção especial de cabos e de sargentos, de accordo com os §§ 3º do art. 31 e 1º do art. 39, será ministrada pelos segundos tenentes, nas condições acima, continuando o 1º tenente com o tiro de *stand*, para as praças recem-promtas, como no periodo anterior.

A marcha da instrucção deve conformar-se com a ordem de successão dada pelo programma indicado pelo R. I. S. G., observado o 3º periodo da pg. 48 (art. 94), sendo portanto, desde o começo, a instrucção atacada simultaneamente, tanto em a sua parte theorica como na practica, de modo que os exames de companhia possam obedecer a uma coordenação commun, procedendo-se identicamente com relação aos exames de recrutas e de praças promptas.

Para a constituição dos respectivos programas desses exames, as companhias fornecerão ao major a especificação da materia dada, e o commandante de caçadores, ou de regimento, então, conforme com essas indicações, organizará esses programmas.

Aos exames de batalhão, deverão seguir-se os de tiro de combate de companhia, os quaes, na fórmula do art. 143 do R. T. I., serão dirigidos pelos commandantes de batalhão, sendo nos regimentos examinados pelos respectivos commandantes, dando-se assim determinação positiva, para a infantaria, ao contexto do art. 38 do R. I. S. G. e consoante o respectivo regulamento de tiro, art. 143.

Para isso, no periodo de instrucção de batalhão (4 semanas), os chefes de companhia praticarão, na fórmula do art. 167 do citado R. T. I., pg. 87, os exercícios de tiro de suas respectivas unidades.

**Observação final** — Tendo nós apresentado a presente cooperação para a arma de infantaria, solicitamos dos camaradas desta arma a sua colaboração para o objectivo aqui visado, de modo a poderem desaparecer os defeitos e lacunas de que certamente estará este trabalho eivado, ao mesmo tempo que manifestamos o desejo de que os nossos camaradas das demais armas, se assim bem o entenderem, collaborarem connosco, não só neste programma, como nos que disserem respeito particularmente ás suas armas.

1º Tenente *João Freire Jucá.*

## Topographia Militar

Extrahido do "Livro de recapitulação para o uso da tropa", do Capitão Cebrian, professor na Escola de Guerra de Danzig. 1914.

### II. Reconhecimentos applicados na zona de concentração

#### 2. Rêde de estradas

57. Pôde a construcção ser cerrada — grupamento em torno de um ponto central (castello, egreja, séde do governo, escola, correio, hotel), ou enfileirada. E pôde ser dispersa.

A natureza da construcção pôde ser massiça (pedra, tijolo, cimento, concreto), ou de taipa, ou de madeira ou de tabique.

A coberta pôde ser ardósia, telha de barro ou de zinco, asbesto, metal, papelão, ripas.

58. Arredores das localidades: parques, chacaras ou jardins, pomares, arredos, cemiterios, varzeas secas ou humidas, pantanos, terreno de turfa (em geral impraticaveis) pastagens, lavouras, vinhas, areaes, monturos, etc.

59. Pela graphia pôde-se distinguir a importancia politica das localidades nas cartas: letra do titulo, normal, letra romana, inclinada, etc.

As localidades tem significação militar para o combate e para o estacionamento. A capacidade de aquartelamento de homens e cavallos determina-se na paz mediante collaboração das autoridades civil e militar. Os numeros assim fixados em geral serão excedidos de muito na guerra, pois quasi sempre tratar-se-á então de acantonamento regular. Por essa forma estendem-se ao maior numero possivel de homens e cavallos as vantagens de abrigo sob tecto, por mais deficiente que seja: protecção contra intemperie, occasião e meios de completar as provisões de bocca, reparar as armas, o equipamento e o farfamento.

60. Não sendo de esperar o contacto com o inimigo a amplitude do acantonamento da tropa depende em primeira linha das commodidades para ella, depois, do numero das localidades, sua grandeza, sua situação relativamente á direcção da marcha, extensão da marcha vencida e da por fazer no dia seguinte, tempo de repouso até a nova reunião.

O mais simples para a tropa seria que o espaço para estacionamento correspondeisse á profundidade da columna de marcha.

Mas isso é irrealizável (repartição das tropas, mistura de armas no acantonamento para que se aproveitem igualmente todas as habitações e estrebarias).

No estacionamento de marcha convém reforçar o acantonamento nas localidades á margem da estrada; as partes não alojadas contentar-se-ão com o acantonamento bivaque.

61. Em maior proximidade do inimigo são as razões de conveniencia tactica que decidem da utilisação das localidades:

a) alojamento das armas montadas, cavallos (sobretudo em cidades, regiões industriaes)?

b) quarteis de alarme para unidades completas (pelotões, secções) em grandes alpendres, barracões, estrebarias;

c) abastecimento d'água, reconhecimento opportuno dos poços; previsão de incendio, cosinhas enterradas; epizootias (médicos e veterinarios!);

d) guardas internas e externas? praças de alarme e de reunião?

A construcção dispersa retarda a reunião e a promptidão para o combate.

62. No acantonamento-bivaque trata-se de dividir rapidamente cada localidade para unidades tacticas. Muitas vezes a rede das ruas esboça essa divisão, caso contrario, recorrer á numeração das casas, edificios singulares (egrejas, escolas, fábricas, etc).

Também neste caso misturar as armas para melhor aproveitamento das habitações e estrebarias.

Aquartelar os commandos (quarteis-generaes) em bôas estradas (transito nocturno de automoveis!), ligação telegraphica.

Onde fôr necessário occultar a presença de certos commandos ao conhecimento de espiões, pôde-se restringir a respectiva indicação regulamentar.

Mesmo um acantonamento-bivaque deficiente é preferivel ao puro bivaque.

Sobretudo a cavallaria soffre muito em bivaque.

63. No reconhecimento de localidades tomem-se os pontos de vista que importam em uma ordem de estacionamento.

O official expedido em precedencia da columna de marcha verifique, pois, atendendo á situação tactica:

a) divisão da localidade em sectores, conservação das unidades! Signaes faceis

de reconhecer co... mites; o perimetro é facil de defender contra surpresas? (em quarteis de marcha não ha necessidade de reconhecimento especial, pois que se trata principalmente de cooperar com localidades vizinhas); as localidades de etapas devem sempre ser fortificadas. As unidades de artilharia e metralhadoras devem ser alojadas o mais proximo possivel de seus parques, no lado mais afastado do inimigo (treins!); requisitar material de illuminação para as ruas;

b) providencias para o serviço interno: numero, lugar, força das guardas internas; onde aquartelam os officiaes de serviço da praça, de ronda, das unidades? onde estações telegraphicais? as bandeiras, as bagagens ficam reunidas por batalhão ou por districto? (na cavallaria, em regimento);

c) lugares de parque, as viaturas em linhas successivas, em cada uma 5 passos de intervallo; na infantaria: por batalhão as viaturas de munição, de saúde, de bagagem a 4 passos de distancia as de viveres, cosinhas de campanha, e sobresalentes;

na cavallaria: (em 2<sup>a</sup> ou 3<sup>a</sup> linha) viaturas de saúde, de bagagem, de pontes, de telegraphos, atraç dellas as de viveres, forragem e sobresalentes (as de cada esquadão sempre reunidas, na mesma linha!); nas metralhadoras, baterias e c. l. m.: em parque, a bagagem junto de cada unidade.

Regular o trafego de viaturas, postes indicadores, requisições, depositos de viveres?

d) praças de alarme, conducta das guardas? armas montadas, bagagens, pôdem partir a tempo para os pontos de reunião de alarme?

e) segurança externa; ligação com localidades vizinhas, percursos de patrulhas, guardas externas, mangrulhos, vigilancia sobre linhas telegraphicais existentes ou recentemente construidas;

f) grao de promptidão; como estabelecer os acantonamentos de alarme (apertados)? os habitantes comportam ameaça de multa? de refens; manter abertas as entradas de pateos, estrebarias; onde necessário o emprego de força para obter requisição?

g) quartel do commandante da praça; estações telegraphicais, quarteis generaes, autoridades administrativas de campanha, armazens.

(Continua)

## Liga da Defesa Nacional

Acha-se fundada no Rio de Janeiro, com séde provisoria á rua do Ouvidor 89, a *Liga da Defesa Nacional*, sociedade de que fazem parte os vultos mais eminentes do paiz, congregados pelo desejo sincero de soerguer, numa campanha nacionalista, as forças vivas e a energia moral da nação.

Empenhados, como andamos, pelos mesmos ideaes, embóra no restricto aspecto da efficiencia militar, é com vivo jubilo que saudamos a patriotica associação que num ambito mais vasto se propõe a fortalecer o caracter nacional, imprimindo aos brasileiros confiança em seu proprio valor.

Publicaremos a seguir os estatutos da benemerita instituição.

### Estatutos da Liga da Defesa Nacional

#### I

#### DA LIGA DA DEFESA NACIONAL

Art. 1. A Liga da Defesa Nacional, fundada no Rio de Janeiro em 7 de Setembro de 1916, independente de qualquer credo politico, religioso ou philosophico, e destinada, dentro das leis viventes do paiz, a congregar os sentimentos patrioticos dos Brasileiros de todas as classes, tem por fim:

a) manter em todo o Brazil a idéa da cohesão e integridade nacional, procurando facilitar e desenvolver as comunicações moraes e materiaes entre as unidades da Federação;

b) propagar a educação popular e profissional;

c) diffundir, nas escolas primarias, profissionaes, secundarias, superiores, civis, militares e religiosas, assim como em todos os lares, officinas, corporações e associações, a educação cívica, o amor á justiça e o culto do patriotismo;

d) defender o trabalho nacional, a lavoura, a industria, o commercio, as sciencias e artes e interessar-se por todas as questões que importam á prosperidade, á segurança e dignidade do paiz.

e) combater o analphabetismo, o alcoholismo, a vagabundagem e a dissolução dos costumes;

f) desenvolver o civismo, o culto do heroísmo, fundar e sustentar associações de escoteiros, linhas de tiros e batalhões patrióticos, quando autorizados por lei;

g) apoiar, pela persuasão e pelo exemplo, a execução das leis de preparo e organisação militar;

h) aconselhar e facilitar a instrução militar em collegios, escolas, faculdades, academias, externatos, internatos, seminarios, orphanatos, institutos de assistencia publica e particular, associações de commercio, industria, beneficencia sports e diversões.

i) estimular e avivar o estudo e o amor da Historia do Brazil e das nossas tradições;

j) fazer a propaganda da Liga no lar e em publico, por meio de conferencias, comícios, livros, folhetos, revistas, jornaes, festas publicas e premios;

k) publicar um cathecismo cívico, e livros de educação patriotica, destinados á infancia e adolescentes, para distribuição gratuita;

l) robustecer o sentimento da patria entre os Brazileiros residentes no estrangeiro;

m) promover o ensino da lingua patria nas escolas estrangeiras existentes no Brazil, e a criação de escolas primarias nos nucleos coloniaes.

Art. 2 A Liga da Defesa Nacional terá um Directorio Central, com um Presidente, onze Vice-Presidentes, uma Comissão Executiva e um Conselho Fiscal, e Directorios Regionaes em todos os Estados.

#### II

#### DO DIRECTORIO CENTRAL

Art. 3. O Directorio Central, permanente, terá sempre cincoenta membros; em caso de morte, desistência ou perda de cargo, as vagas serão preenchidas por maioria de votos dos presentes.

a) A séde do Directorio Central será no Rio de Janeiro;

b) O Directorio Central superintenderá toda a accão material e moral da Liga, por meio da Comissão Executiva, do Conselho Fiscal, e dos Directorios Regionaes.

c) O Directorio Central nomeará os membros da Comissão Executiva e dos Directorios Regionaes; e nomeará tantas Comissões quantas julgar necessarias, constituídas por membros seus, ou por socios adherentes, encarregadas de estudar e fiscalizar as questões incluidas no programma.

d) O Directorio Central nomeará os tres membros do Conselho Fiscal, cujo mandato será renovado de 2 em 2 annos.

#### III

#### DO PRESIDENTE DA LIGA

Art. 4. O Presidente da Liga será sempre o Presidente da Republica.

#### IV

#### DOS VICE-PRESIDENTES DA LIGA

Art. 5. Os onze Vice-Presidentes da Liga serão sempre membros do Directorio Central:

a) serão eleitos de 2 em 2 annos;

b) a sua precedencia será regulada pela idade.

(Continua)

#### EXPEDIENTE

Por falta de espaço tivemos, á ultima hora, que retirar da paginação a continuação do artigo "O Trotyl".

\*

Este numero sae com algum atraso por motivo de força maior.

\*

Para o mez daremos notícia das manobras ultimamente realizadas nesta região, o que não fazemos no presente numero para não aumentar o atraso em que já estamos. Nessa notícia procuraremos salientar os pontos que nos parecem importantes e que podem trazer alguma luz em beneficio de manobras futuras.

\*

Por motivo de transferencia para fóra desta Capital deixa de pertencer ao Grupo Mantenedor o nosso distinto camarada Tenente Paula Cidade.